

HEILBORN, Maria Luiza. "O Traçado da Vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro" In MADEIRA, Felícia (org). *Quem mandou nascer mulher? – estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*, UNICEF. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997, p. 291-342.

## **O TRAÇADO DA VIDA: "GÊNERO, INFÂNCIA E POBREZA EM DOIS BAIRROS POPULARES NO RIO DE JANEIRO"<sup>1</sup>**

Maria Luiza Heilborn<sup>2</sup>

### **1. INTRODUÇÃO**

Este é um trabalho sobre meninas e meninos moradores de favelas ou bairros populares cariocas. Preocupa-se em desvendar as condições de vida da infância na pobreza urbana, sem que sejam tais condições aquelas as mais dramáticas, como a de meninos de rua ou a da prostituição infantil, que tanta justa atenção têm despertado. O presente estudo toma como questão privilegiada a dimensão de gênero como organizadora das experiências sociais. A escolha dessa abordagem origina-se da constatação de que a infância pobre no Brasil parece ter um único sexo, sendo raros os dados sobre meninas e adolescentes (cf. Rizzini, s/d e Domingues, 1993). Assim, a incorporação explícita da variável gênero propõe-se a trazer à tona a realidade feminina e, sobretudo, abriga o objetivo de demonstrar de que modo a conjugação classe social e gênero (Castro, 1991) apresenta-se relevante na marcação diferencial das trajetórias sociais para crianças de cada um dos sexos.

A condução da pesquisa foi norteada por alguns pressupostos teóricos, metodológicos e certas injunções práticas que convém explicitar.

Na qualidade de pesquisa solicitada pelo UNICEF o presente trabalho procurou integrar-se em um projeto mais amplo de investigação sobre a infância no feminino que está em vias de realização em outros países latino-americanos. O projeto adota como denominador comum a análise da utilização do tempo como ilustrativa da operância de padrões de gênero. O presente texto buscou trazer contribuições etnográficas referentes às representações das crianças e

---

<sup>1</sup> Parte do material aqui exposto foi objeto do texto "Quem mandou nascer primeiro? gênero e idade em famílias trabalhadoras urbanas". XIX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, março de 1994. Esclarecendo algumas convenções do texto: o uso de aspas está reservado para demarcar tanto transcrições bibliográficas quanto passagens dos depoimentos dos informantes ou categorias do universo; as aspas simples indicam expressão da autora ou nuançam o emprego de um termo.

<sup>2</sup> Antropóloga. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais e do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

adolescentes (7 a menos de 18 anos) sobre a dimensão do tempo, salientando-se, contudo, que não foram utilizadas técnicas de mensuração do dispêndio de horas nas diversas atividades (cf. Aguiar, 1992). Os dados aqui contidos cingem-se ao modo de pensar socialmente as temporalidades. As questões metodológicas implicadas nessa perspectiva serão tratadas, de modo sistemático, no próximo item.

Adotou-se precipuamente uma perspectiva antropológica. A antropologia tem se dedicado a demonstrar de que modo vetores que organizam a vida social, como tempo, espaço ou a diferença entre os sexos, são produzidos e sancionados socialmente através de um sistema de representações que os organiza. O domínio das idéias e dos valores detém para o pensamento antropológico uma realidade coletiva, autônoma e parcialmente inconsciente para os membros da cultura estudada. E se cada domínio social pode ser objeto de concepções a ele peculiares, cada conjunto ideacional não se justapõe tão somente aos demais, mas integra um sistema interdependente que provê a coerência de uma determinada visão de mundo. Procedese, assim, a uma discussão sobre algumas idéias centrais que orientam a perspectiva antropológica na condução da pesquisa, organizadas em quatro linhas: a relativização da infância, a afirmação das temporalidades socialmente marcadas, a crucialidade do gênero e a operacionalização da idéia de uma cultura das classes trabalhadoras urbanas.

A atual visão antropológica sobre a questão da infância é profundamente devedora dos trabalhos do historiador francês Philippe Ariès (1968 e 1978) que, filiando-se à perspectiva denominada história das mentalidades, sustenta a invenção do sentimento da infância no bojo de transformações que redefiniram a sociedade ocidental, configurando a modernidade<sup>3</sup>. Inúmeros trabalhos foram produzidos a partir dos marcos interpretativos por ele estabelecidos (cf. Donzelot, 1980 entre outros), seguindo o prisma da relativização de uma concepção naturalizada de infância. Salienta-se a valorização dessa etapa do ciclo de vida como efeito de um processo cultural peculiar à modernidade, que instaura a entronização do mundo privado e traz como seu corolário, a intimização das relações que aí se travam. E se a modernidade é um valor capital na sociedade contemporânea, está longe, contudo, de ser um fato universalizado. No interior de uma sociedade complexa onde coexistem grupos sociais diferenciados pela posição que ocupam na estratificação social e, sobretudo, pelos códigos culturais que lhes são peculiares (Velho e Viveiros de Castro, 1978 e Duarte, 1986), modernidade não é igualmente relevante ou significativa. Assim, desvendar os pressupostos embutidos na lógica moderna de concepção social e as implicações embutidas no confronto com outras lógicas culturais significa poder melhor entender os mecanismos sociais atuantes em determinados universos e se capacitar a uma melhor intervenção sobre tais realidades.

---

<sup>3</sup> Toma-se aqui a definição weberiana de modernidade, que comporta duas dimensões: a cultural - dessacralização do mundo e sua substituição por esferas axiológicas regidas pela razão - e a social, caracterizada pela instauração de complexos institucionais autonomizados, isto é, Estado e Mercado.

A "invenção" da infância articula-se com o enaltecimento da família conjugal moderna, (Donzélot, 1980), processo que se dá nos séculos XVII e XVIII. Tal formato de organização familiar, cujo aparecimento e significado são um desdobramento das novas barreiras geradas entre os domínios público e privado, estampa-se numa contração dos laços de sociabilidade frente à rede de parentesco implicando uma densidade maior dos vínculos entre seus membros restritos. A família passa a ser sobretudo uma unidade moral e afetiva (cf.Foucault:1990). Socialmente engendrada, a infância constitui-se numa etapa peculiar e exigente de dedicação, cuidado e extravasamento amoroso dos pais. Como norma, a vida familiar passa a gravitar em torno da criança: extremados o afeto e o controle sobre essa figura. Tal vigilância toma como temas privilegiados a higiene, a saúde física e o interesse psicológico. A intimização e a privatização dos sentimentos são efeitos de um mesmo processo de difusão do individualismo ou de uma estratégia disciplinar que, como quer Foucault, tomou como alvo, primeiramente, as camadas médias e altas da sociedade moderna. A universalização dessa lógica está longe de ser completa e a admissão desse fato permite olhar contextos culturais ordenados por lógicas distintas sem a medida da "falta" ou do "atraso" de suas práticas sociais. Este é o sentido primordial, por exemplo, que se pode depreender dos trabalhos de Claudia Fonseca (1983 e 1987) quando tratam da circulação de crianças em grupos populares no sul do país. Segundo a autora, estampa-se na prática de entregar filhos para serem temporariamente criados por outras famílias uma concepção distinta de infância. Nela se explicita um vínculo entre pais e filhos que não adota o padrão do intenso investimento afetivo sobre a criança, que a torna exclusiva. Nessa mesma direção, há ainda as análises de Tania Dauster (1992) acerca da relação infância e educação nas camadas populares que assinalam a existência de uma configuração simbólica peculiar e de que falaremos mais adiante.

O segundo eixo de preocupações ordena-se em torno da classificação diferencial das temporalidades. Toma-se portanto, como proposta, a idéia da unidade relativa dos tempos sociais, o que implica dizer que os recortes do tempo estandardizado do relógio comportam uma racionalidade específica que não deve ser estendida, sem muitas mediações, à dinâmica social estudada. O significado do tempo é pensado e experienciado de maneira diversa em cada grupo social, por critérios que são internos à sua estrutura simbólica como também é efeito das relações de subordinação que presidem uma sociedade de classes. Assim a utilização do tempo é expressiva do modo como se armam as relações de assimetria e/ou dominação em um dado contexto social. As definições sociais de tempo comportam portanto uma marca de gênero e de classe social (Langevin:s/d).

Ao afirmar que as temporalidades obedecem, em sua constituição, a propriedades socialmente produzidas pela classificação de gênero e 'classe' de idade está-se postulando a interrelação entre os domínios sociais e ao mesmo tempo salientando que as práticas cotidianas de homens, mulheres e crianças refletem tais padrões diferenciais.

O conceito de gênero funda-se na idéia genérica da arbitrariedade cultural, instaurada pelo *valor* que engendra e organiza as concepções frente ao mundo em um dado grupo social. Ele é entendido como um instrumento conceitual que realiza a discriminação entre os níveis anátomo-fisiológico e o cultural implicados na condição sexual. Também indica um caminho, o da relatividade, para o entendimento das relações que entrelaçam esses dois níveis, configurando uma determinada leitura social da diferença entre os sexos (Rubin, 1975; Mathieu, 1991). A literatura voltada para o tema tem assinalado a imbricação das categorias de gênero com outras estruturas sociais tais como a diferenciação etária, esquema de privilégios, ou ainda ordenação cosmológica, quando se trata das sociedades primitivas (ver Collier e Rosaldo, 1981; Ortner e Whitehead, 1981; Whitehead, 1981) e da sua articulação com uma estrutura de classes, quando o objeto são as sociedades complexas contemporâneas. Uma vasta produção referida à análise da sociedade capitalista assinala o modo como a dinâmica das relações de produção se beneficia de uma lógica de exclusão, ou da incorporação subordinada das mulheres ao espaço público, agravando a separação entre os espaços produtivos e reprodutivos (Stolcke, 1982; Castro, 1991).

O ponto de vista aqui adotado, comprometido com uma abordagem estruturalista, é de que as categorias de gênero revelam sempre uma relação de natureza assimétrica. Trata-se de um imperativo simbólico originado por estrangulamentos estruturais de ordenação da cultura, onde a diferença sexual, sediada na especialização reprodutiva, é tomada como suporte da classificação, sem determinar ou esgotar, contudo, as propriedades abstratas constitutivas dos gêneros (Heilborn, 1991, 1992 e 1993)<sup>4</sup>. O conteúdo específico de cada universo representacional referente ao gênero é variável, mas a ordem que distingue e ao mesmo tempo entrelaça as categorias de masculino e feminino mantém um padrão estrutural. Exprime-se no nexos simbólico do masculino com um elenco de propriedades de marcação/ descontinuidade/ diferenciação/ deslocamento que demarcam a identidade social masculina. O gênero feminino está balizado por associações com atributos como não-marcação/ continuidade/ indiferenciação/ permanência, considerada a relação de complementaridade que mantém com sua contraparte. O jogo relacional e assimétrico da construção das categorias de gênero está referido a esse plano estrutural. A análise de situações concretas na vida de meninos e meninas pobres pretende demonstrar tal articulação.

O quarto eixo da reflexão aqui travada refere-se à localização dos segmentos sociais subordinados de uma dada sociedade. A designação dos grupos populares tem recorrido a um conjunto variadíssimo de referências para sua identificação. Classes trabalhadoras, nome aqui

---

<sup>4</sup> Nessa linha de raciocínio encontram-se diversas autoras, embora ênfases na argumentação entre elas se variem bastante. Eunice Durham (1983), por exemplo, sugere que a associação recorrente entre mulher e natureza decorre de uma apropriação cultural da diferença sexual na reprodução, estendida e reelaborada

empregado, certamente tem um parentesco com a idéia de classe operária, mas vai além, ao admitir na sua fórmula plural e no termo trabalhador algo que transcende o operariado e abriga grupos sociais diferenciados como funcionários públicos de categorias inferiores, trabalhadores por conta própria etc. A expressão designa o universo de categorias sociais que se encontram numa posição subordinada ou inferior na sociedade de classes, moderna e urbana. Outras formas de categorização poderiam ser acionadas, como por exemplo, a usual, de "baixa renda", que, como bem assinala Valladares (1991), ao tomar o salário mínimo como parâmetro, abriga uma percepção da pobreza enquanto fenômeno de insuficiência de renda. Na produção corrente que lança mão do termo, pobreza torna-se sinônimo de carência, situação em que o atendimento das necessidades biológicas e sociais dos indivíduos ou de suas famílias está abaixo de um patamar mínimo. Simultaneamente, essa definição introduz matizes no corpo indiferenciado da pobreza, assinalando a existência de uma fronteira entre os grupos - os que estão acima ou abaixo da linha de miséria.

Acima de tudo, adota-se aqui a perspectiva de definir a cultura das classes trabalhadoras urbanas como portadora de uma racionalidade própria. Uma vasta literatura de cunho antropológico e sociológico tem procurado discernir seus traços mais pertinentes e sua lógica mais profunda (Alvim e Leite, 1990; Caldeira, 1984; Duarte, 1984 e 1986; Macedo, 1985; Rodrigues, 1978; Salem, 1981 e Sarti, 1989). A configuração peculiar a esse universo pode ser resumida em três pilares: família, trabalho e localidade. A ênfase no valor da família exhibe seu maior vigor no que se refere à prevalência do grupo sobre o indivíduo na constituição da identidade social dessas pessoas. Estruturada em termos de uma relação hierárquica entre os sexos e as categorias de idade, tal ordenação simbólica da família ganha maior nitidez quando confrontada com o modo individualizante do modelo cultural, que é vigente entre os segmentos de camadas médias na sociedade brasileira. Esse outro modelo de constituição de identidades sociais tem no indivíduo, na sociabilidade e na ocupação seu eixo de estruturação dos sujeitos sociais. Manter em foco a *diferença* entre estas duas lógicas culturais é crucial para a condução da pesquisa e da análise que se segue.

"Ter família" é a locução sintética que expressa o modo como se situam socialmente os integrantes do universo popular. A expressão condensa a dimensão das responsabilidades que a família engendra e o valor a estas atribuído.

A preeminência que detém, nesse universo, a família, que em grande parte das vezes pode ser apreendida como grupo doméstico (Durham, 1983), ganha corpo através da centralidade que desempenha na trajetória de vida desses sujeitos (Alvim e Leite Lopes; 1990). Tal importância deriva do sentido de totalidade que ela encarna, possibilitada pela interqualificação ou complementaridade das identidades sociais. O todo relacional representado

---

num plano cultural. Conferir também a hipótese de uma 'apropriação' da fertilidade feminina em Stolcke

na família exprime-se através de uma divisão do trabalho entre os gêneros, que é, a um só tempo, moral e material, constituindo o masculino como destinado a uma maior exterioridade, à associação com o que é público, dimensões consubstanciadas na esfera do *trabalho* (Duarte, 1986, Sarti, 1989). Complementarmente, ao feminino está reservado o domínio privado, uma maior interioridade, atributos que se combinam com a idéia de uma maior proximidade das mulheres e de seu mundo com o plano natural. Assim a casa e seus desdobramentos - os filhos - encarnam o universo feminino. Se o domínio da casa é feminino, significando que sua ordem e funcionamento são atributos designáveis às mulheres e, por extensão, às meninas, é aos homens que cabe provê-lo (Rodrigues, 1978 e Salem, 1981), configurando-se aí a verdadeira dimensão moral do gênero masculino.

Presencia-se também uma articulação muito íntima entre gênero e idade que se expressa na oposição, no grupo de irmãos, entre o mais velho e o mais novo, cujo paradigma é a relação entre pais e filhos. A família se organiza em torno da prevalência do adulto por oposição à lógica que se pode vislumbrar norteando as famílias de camadas médias, onde reina a figura da criança, em conformidade ao que já nos referimos sobre o "sentimento da infância" (Ariès, 1978). Importa-nos reter, portanto, que os fatos relacionados à infância subordinam-se a essa lógica da complementaridade hierárquica da família que se funda em uma assimetria de gênero e de classe etária. Assim, os atributos de crianças e adolescentes pertencentes às classes trabalhadoras urbanas devem ser apreciados sob essa modulação.

Essas considerações se fazem necessárias porquanto afirmar a positividade da cultura das classes trabalhadoras urbanas significa não submetê-la ao olhar da 'falta', mas afirmá-la portadora de um sentido que, em conjunto, colide com pressupostos peculiares ao universo das camadas médias. É em torno dessa reflexão que idéias a seguir devem ser entendidas.

## **2. QUESTÕES METODOLÓGICAS E AFINS**

A pesquisa de caráter qualitativo baseou-se em algumas indicações de pesquisa para um estudo de comunidade. O material etnográfico diz respeito a dois bairros populares, a rigor, já urbanizados. Contudo, a marca de favela permanece um referencial com o que os moradores das duas localidades têm que permanentemente dialogar. A primeira comunidade é o Morro do Chapéu Mangueira, situada na zona sul e a segunda, Nova Holanda, localiza-se na área da Leopoldina, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

A pesquisa contou como uma equipe de trabalho composta, além da própria autora, de uma assistente de campo, mestranda em Antropologia Social, Eliane Tania dos Santos, e de auxiliares de pesquisa oriundas das comunidades escolhidas: Shirley, Tatu (Tatiana) e Eliane no

---

(1982), Mathieu (1991) e Tabet (1985).

Chapéu Mangueira e Wellington, Valmir, Kerlian e Joelma na Nova Holanda. Estes pesquisadores "nativos" foram os guias nos intrincados caminhos das redes sociais nas comunidades, não só pela atividade de indicar os entrevistados, divulgar, em seus próprios termos, os objetivos da nossa presença, como pela qualidade de acompanhantes durante diversas entrevistas. Considerando que a 'entrada' em um determinado grupo social marca de forma indelével a pesquisa a ser realizada e que os contatos com os membros de uma dada comunidade estão impregnados por esse gesto inicial, optou-se por seguir uma técnica de pesquisa centrada na idéia de rede social (Bott, 1976) para a obtenção das entrevistas.

O auxílio dos jovens locais (todos acima dos 14 anos) proviu um recorte menos aleatório do universo social das favelas estudadas. Suas indicações respeitavam a lógica das relações que eles próprios integram na localidade e de alguma maneira possibilitavam um relativo controle sobre as informações obtidas. Na qualidade de 'estrangeiras' nos locais, "ricas" e brancas em uma população na maioria negra e pobre, e também mais velhas do que os(as) entrevistados(as) fomos, algumas vezes, vítimas de respostas deliberadamente enganosas. Mentir é uma forma de "dar a volta"<sup>5</sup> nas pesquisadoras, estratégia apreciada na relação desigual com outros de uma classe social identificada como superior. Desse modo, os auxiliares de campo mostraram-se valiosos para situar os entrevistados. Também importante foi a 'platéia' que participava da cena da tomada do depoimento ao comentar e, às vezes, corrigir as declarações prestadas.

A metodologia adotada centrou-se na realização de entrevistas abertas, seguindo um roteiro de base, mas com flexibilidade suficiente para admitir a narrativa mais ou menos autônoma por parte das crianças e adolescentes. Procedeu-se, assim, à combinação da técnica de histórias de vida com a entrevista estruturada. Essa combinação revelou-se útil para prover a possibilidade da generalização e da comparação. Os resultados mostraram regularidades entre idéias e práticas sociais que ajudam a compor um quadro da cultura local. A duração dos depoimentos é variável, mas, em média, ocupa uma hora, sendo que algumas dessas crianças e adolescentes foram entrevistados mais de uma vez. Tal feito deveu-se ao contexto da tomada de depoimentos, este também rico em diversidade. A maior parte das entrevistas foi feita em lugares públicos, como espaços de lazer existentes nas comunidades, ou na soleira da porta das casas. Por vezes, as conversas eram individuais, outras contavam com múltipla e intensa participação de várias crianças e colegas. Algumas ocorreram no domicílio com a presença de familiares. Observou-se frequentemente que declarações feitas, por exemplo, pelas meninas, na presença da mãe, eram depois nuançadas e complementadas, questão que será tratada adiante.

---

<sup>5</sup> "Dar a volta" significa na linguagem popular enganar alguém, fazê-lo de bobo, exibindo, assim, sua qualidade de malandro ou "esperto".

A observação participante, técnica usual em trabalhos de cunho antropológico, foi limitada em razão do curto espaço de tempo da pesquisa e da nossa não moradia no local. Tal técnica correspondeu, sobretudo, aos momentos de lazer das crianças ou em duas oportunidades do comparecimento a bailes ocorridos em uma favela. A duração média do campo em cada comunidade foi de um mês e meio.

As entrevistas foram feitas sem o auxílio do gravador, uma vez que se demonstrou a quase ineficácia do uso do instrumento. Diversas razões podem ser apontadas para isso. Como foi salientado, as entrevistas raramente eram individuais, amigas ou amigos intervinham, comentando as respostas, tornando, em alguns momentos, indistinto o que se ouvia. O gravador também funcionava como um elemento ora inibidor, ora excessivamente estimulante - as crianças mais jovens ficavam sideradas com o aparelho, ocupadas em olhar a fita girar. Já com os rapazes, sempre mais esquivos para entrevistas, o uso do gravador implicava a fixação de declarações que não gostariam de fazer como, por exemplo, em relação à criminalidade e ao tráfico de drogas na comunidade. No momento das entrevistas eram tomadas notas, que mais tarde eram complementadas com observações sobre o contexto do depoimento. Em certas ocasiões nos foi solicitado que não escrevêssemos, o que foi atendido.

O universo principal de pesquisa é constituído pelos depoimentos de crianças e jovens na faixa dos 7 a menos de 18 anos. Contudo, crianças com idades inferiores foram eventualmente incorporadas e também membros adultos das famílias completas ou as caracterizadas pela chefia feminina (em número de três nessa amostra). A inclusão dos familiares obedeceu à necessidade de situar melhor os depoimentos infantis, registrando a versão adulta de como os pais socializam as crianças e jovens e registrando sua visão quanto à legitimidade dos recursos de que lançavam mão para tal. Representantes de associações de moradores e professores foram também ouvidos. Os primeiros foram escolhidos como mediadores de nossa 'entrada' e enunciadores de visões sobre a comunidade. Embora, tais atores sejam quase sempre tomados como os membros mais representativos dos bairros populares, em verdade, eles se mostram os mais distanciados da realidade cultural que eles soém representar. Não é nada raro vê-los proferir discursos críticos dirigidos às visões de mundo prevalentes no contexto que os faz 'representantes' (Duarte *et al.*, 1993). Os(as) professores(as) foram interrogados sobre o desempenho de meninos e meninas na escola. Buscou-se, nesse caso, capturar suas representações e práticas sobre educação diferenciada. Foram realizadas oitenta e seis entrevistas (86) formais, das quais 66 com crianças e adolescentes.

### ***O Rio de Janeiro e as Comunidades Faveladas***

Levantamento realizado em 1992 pelo IPLAN-RIO revela a existência de 394 favelas no Rio de Janeiro, correspondendo a um percentual aproximado de 15% da população carioca. O Rio de Janeiro é a cidade brasileira com maior população moradora em favela. Contudo, a situação das condições objetivas de moradia variam enormemente entre tais espaços de moradia popular. Há favelas mais estabilizadas, cujo crescimento populacional está regularmente controlado e as que se encontram em contínua expansão, seja ela em termos horizontais com a incorporação de mais espaço, seja na direção vertical, com a construção de sucessivos pavimentos nas casas; este é, por exemplo, o caso da Rocinha.

As comunidades escolhidas - Chapéu Mangueira e Nova Holanda - inscrevem-se nesse quadro de maneira diferenciada. A primeira é uma favela situada no Leme, final de Copacabana, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Privilegiado em termos de localização, o morro passou a ser ocupado, segundo seus moradores, na década de 30, e ainda residem ali algumas pessoas oriundas desse primeiro momento<sup>6</sup>. Ao Chapéu Mangueira chega-se por uma das ladeiras internas do Leme, bairro de classe média e de residência de militares, em razão de um forte ali situado. A subida bifurca-se, à direita situando-se a referida comunidade e à esquerda a favela da Babilônia. A proximidade acentuada entre as duas favelas revela-se elemento fundamental para a identidade dos dois espaços, como se verá mais adiante.

A entrada na comunidade foi possibilitada através da intermediação de integrantes de uma ONG - Caces - que realiza trabalhos de animação cultural mediante a montagem e a manutenção de uma banda de música para crianças e adolescentes. Na ausência de dados disponíveis na Região Administrativa do Bairro de Copacabana, os dados relativos à comunidade foram fornecidos por Jaiminho, presidente da associação de moradores. A favela apresenta 400 casas, tendo de 1300 a 1400 habitantes entre jovens e adultos; quanto às crianças, há entre 100 a 120 na faixa etária até os 14 anos segundo a estimativa impressionista do presidente da associação de moradores<sup>7</sup> e da encarregada do posto de saúde, D. Fininha. Segundo a avaliação de Jaiminho, a faixa salarial por grupo doméstico oscila entre 2 e 3 salários mínimos. A incrustação da favela em um bairro de classe média faz com que os seus moradores jovens tenham uma vivência muito nítida e cotidiana das diferenças de classe e da desigualdade social. Contudo, a proximidade com a praia oferece uma alternativa de lazer considerável e um acesso a certas atividades de recreação e esporte patrocinadas pela

---

<sup>6</sup> O bairro também é famoso por ter dado origem a uma importante liderança popular com expressiva carreira de representação política: a deputada federal Benedita da Silva (PT).

<sup>7</sup> O contraste entre as duas comunidades, quanto à atuação das associações de moradores, é acentuado. Para efeito de registro, menciono que o contato com a associação de moradores do Chapéu foi dificultado por problemas administrativos. A sede esteve geralmente fechada durante nosso período de pesquisa e os horários marcados para as entrevistas não eram respeitados. No mês de fevereiro, encontrou-se a sede fechada com um bilhete desanimado e revoltado, pregado na porta, com o teor de que os moradores não se responsabilizavam pelo funcionamento da associação. Concluía que os moradores deveriam encontrar um novo endereço para o envio de suas correspondências.

prefeitura (RioEsporte) que desfrutaram de grande apreço entre crianças e jovens. Os mesmos se sentem privilegiados moradores da zona sul da cidade, o que no Rio de Janeiro, marcado por uma forte segregação espaço-social, tem um peso significativo na construção da identidade de seus habitantes<sup>8</sup>. As crianças e jovens definiam o Chapéu como lugar "calmo e tranqüilo", ainda que durante a pesquisa as pesquisadoras tenham presenciado, por duas ocasiões, tiroteios<sup>9</sup>.

O Chapéu apresenta moradias de tamanho e qualidade variável. As casas visitadas são, em geral, de dois cômodos: um servindo de cozinha e espaço das refeições, o outro funcionando como dormitório (coletivo). Chama atenção o espaço exíguo para tantos moradores, fazendo com que adultos e crianças compartilhem o mesmo aposento e, com frequência, a mesma cama. O tamanho acanhado das moradias, padrão disseminado nas camadas populares diante dos altos custos do morar na cidade (Santos, 1980), deve-se também à escassez de espaço no morro para a construção de novas casas, de tal maneira que as existentes foram sendo divididas em novas unidades de acordo com o aparecimento de mais pares conjugais e com o nascimento dos filhos. O grupo doméstico aglutina parentes para além da família conjugal e apresenta íntima relação com outras unidades residenciais, configurando uma concentração de laços de parentesco e de vizinhança. Esse formato de superposição de redes sociais derivadas das relações familiares e de moradia constitui um dos traços peculiares de uma cultura de camadas populares, exprimindo um sentido denso de tais relações e o privilegiamento do grupo ao invés de uma ênfase no indivíduo singular. A etnografia realizada em meios populares tem assinalado que, se essa trama social fornece uma rede de apoio cotidiano muito significativa, ela também gera multiplicidade de conflitos e meios efetivos de controle social entre os seus membros. A dinâmica de tais relações entre parentes e vizinhos é de peso significativo na socialização dos meninos e meninas.

O Chapéu conta com um número razoável de equipamentos sociais quando considerada a situação das demais favelas urbanizadas. Dispõe de creche, posto de saúde, oficinas de técnicas artísticas, saneamento. A coleta de lixo é deficiente, tal como ocorre em todas as áreas de morro da cidade. O Chapéu Mangueira, em parte devido à sua localização, tem recebido a visita e o apoio de algumas agências internacionais de ajuda a comunidades pobres. Há alguns eventos curiosos relacionados a esse fato; cerca de quatro crianças por nós entrevistadas tinham algumas vezes "trabalhado em filme". Nesses 'documentários', faziam o papel de

---

<sup>8</sup> Este aspecto da cidade ficou bastante nítido por ocasião dos chamados "arrastões", episódio ocorrido em outubro de 1992. O fenômeno em que jovens do sexo masculino, moradores das zonas norte, oeste e subúrbio da cidade, organizaram-se em grupos em um enfrentamento aos moradores e usuários das praias da zona sul carioca. Diante da exploração da mídia, os moradores de favelas da zona sul ameaçavam os "invasores" de defenderem o seu território.

<sup>9</sup> Muitas vezes, os entrevistados apontaram para os prédios muito próximos e acentuavam o fato deles não estarem crivados por balas de "bandido". Comparavam assim o Chapéu com outras favelas da zona sul como Pavão e Pavãozinho onde tal incidente ocorre com frequência. Durante a pesquisa, presenciamos uma invasão policial e trocas de tiros a esmo.

crianças de rua, ou "mendigos" como eles mesmo definiam. Achavam que o Chapéu é um lugar conhecido por "gringos" em função de tais agências, e que as pessoas ali são de bem, e não assaltariam as equipes de filmagem. A quadra, na parte mais baixa do morro, é o local que concentra a sociabilidade mais pública da comunidade. Contando com um pequeno bar, e mesas de totó para a criançada, ali acontecem as partidas de futebol, forma exemplar do entretenimento juvenil masculino, que conta às vezes com a participação de algumas moças. É também ali onde se realizam os bailes *funks* do Chapéu, forma de lazer à qual as meninas e adolescentes entrevistadas podem ter acesso com mais frequência. Uma outra alternativa importante são as rodas de samba realizadas no "asfalto". Iniciativa da rede hoteleira do Leme, para dar a "cor local" carioca, tais eventos atraem muitas das jovens do Chapéu. Em torno do horário de permanência e da companhia das moças no samba desenrolam-se muitos dos conflitos familiares. No Chapéu Mangueira existe uma videolocadora, e não é raro encontrar aparelhos de vídeo nas casas dos entrevistados, os que os têm sendo alvo de grande admiração por parte das crianças. Em algumas situações fomos envolvidas em explicações constrangedoras que buscavam dar conta da presença de tais equipamentos em residências tão singelas.

Resta tratar, na caracterização dessa comunidade, a questão da criminalidade e do tráfico de drogas. Trata-se de um tema recorrente nas falas. Presença constante que paira sobre o universo da sociabilidade e do cotidiano e é, no dizer de um líder comunitário, o "problema de todas as favelas". É uma relação tensa. A comunidade diz ter sido invadida pelo tráfico acerca de 10 anos. A rivalidade entre Babilônia e Chapéu Mangueira, considerado este um local de "gente séria", está, segundo os depoimentos, na origem da penetração do tráfico, originário da favela vizinha, como forma de "cortar a onda" da comunidade. Isso significa dizer que, na visão dos informantes, o mal residia na favela oposta, e ela é por ele responsável. O conflito entre as identidades locais dos dois morros expressa, em um plano, o reconhecimento da presença da violência gerada pela criminalidade enquanto fenômeno disseminado nos bairros populares e, em outro nível situacional, o Chapéu representado como um lugar "bom" e "calmo" estaria apartado de tal situação<sup>10</sup>. Nesse segundo plano de construção da identidade local, o Chapéu distingue-se positivamente das "outras" favelas da cidade de Rio de Janeiro. Essa lógica de admissão e de qualificação da violência na comunidade também se mostra presente na Nova Holanda.

---

<sup>10</sup> Aqui se utiliza o princípio da situacionalidade como procedimento analítico. Ele consiste em discriminar o contexto das afirmativas e visa a demonstrar de que modo a contradição entre as duas afirmativas é apenas aparente. No exemplo citado, a primeira avaliação de lugar "bom e calmo" não contradiz o reconhecimento da presença da violência na comunidade, uma vez que as afirmações se localizam em planos distintos de significação. O princípio da situacionalidade será utilizado também no que se refere às concepções relativas aos gêneros.

Nova Holanda é um bairro populoso situado na zona norte da cidade, integrante da XXIII região administrativa do Rio de Janeiro. Localizado nas imediações da grande artéria viária da cidade, a Avenida Brasil, é bem servido de transportes. Originária do processo de remoção de favelas da zona sul, empreendido na década de 60, particularmente da Favela do Pinto e do Esqueleto, Nova Holanda integra o chamado Complexo da Maré, conjunto de comunidades faveladas situadas em uma área regional conhecida como Leopoldina, nome derivado da linha férrea que serve parte do espaço metropolitano. No conjunto das associações populares do Rio de Janeiro, Nova Holanda é considerada combativa, sobretudo, pelo movimento de moradores organizado em torno da obtenção da propriedade do terreno onde suas casas estão construídas. Tal combatividade é atribuída pelos moradores mais engajados no próprio processo de remoção, que está em sua origem, processo ditado pela lógica de acumulação do capital imobiliário na zona sul do Rio de Janeiro, que impôs o deslocamento violento de grandes contingentes de população pobre para áreas menos valorizadas da cidade. Em 1986, a organização de seus moradores, conseguiu fazer com que o Estado desse início às obras de saneamento básico. Tal obra não está totalmente concluída. Segundo o presidente da associação de moradores, a projeção da rede sanitária está mal dimensionada para a dinâmica de crescimento da população, estimada atualmente em 15 mil residentes. A cifra decorre do número de domicílios (3 mil) e num levantamento feito pelo Jornal comunitário "Se Liga no Sinal" é indicado que o tamanho médio das moradias não ultrapassa 50 m<sup>2</sup>, distribuídos em 4 cômodos. O número médio de habitantes por residência é superior a seis. O espaço horizontal do bairro é quadriculado em pequenas ruas e vias de maior circulação, fazendo com que cada segmento de casas ganhe um aspecto de vila, caracterizado por intensa sociabilidade entre vizinhos e um cotidiano marcado pelas crianças, sobretudo meninas, que brincam em frente às suas casas. Ver-se-á mais adiante de que modo tal configuração do espaço serve de suporte à socialização das crianças em seus papéis de gênero.

Os equipamentos sociais disponíveis na comunidade incluem posto de atendimento dentário, creche comunitária, posto de saúde e um de polícia, 4 escolas, um galpão de atividades recreativas e educacionais construído pela comunidade, que congrega cursos de nível profissionalizante, como o de carpintaria e o de serralheria para meninos a partir dos 14 anos. A exigência para o ingresso é de que o candidato continue estudando, solução adotada em diversas iniciativas de educação comunitária como é o caso da formação em esportes na favela da Mangueira. Indagados sobre a oferta de alternativas para as meninas, a resposta oferecida pelos integrantes da diretoria da associação de moradores é de que não há restrições, mas que a procura é sempre masculina. É citada uma ocasião em que houve um curso profissionalizante para as moças, o de costura, e uma turma chegou a se formar, mas atualmente está desativado por falta de espaço. Uma lógica decerto compreensível, mas nem por isso menos perversa, faz com que a "razão prática" (cf. Sahlins, 1976) da alocação do

espaço desconsidere as exigências da capacitação profissional para as adolescentes. A profissionalização masculina é encarada como prioritária frente à das meninas e moças, reforçando o quadro estreito das oportunidades para o trabalho feminino. Em termos de projetos atuais, a associação tem expectativas de angariar fundos para a formação de uma oficina de vídeo e para o estabelecimento de uma rádio comunitária.

Há ainda um CIEP e a ciclovia, que são os locais que congregam a sociabilidade mais intensa dos jovens em termos de lazer e de namoro, mas é também um dos locais de "transação de fumo". A ciclovia, construída no bojo das obras de urbanização da área contígua à Linha Vermelha, aparece como o lugar preferido pelos meninos e adolescentes. Lá não só se anda de bicicleta, mas é o espaço de ginástica e do *cooper* para os meninos. As meninas entrevistadas parecem ter que recorrer a estratégias para freqüentarem a ciclovia, local mal afamado e distante das vistas da vizinhança e da família. Assim mesmo, as adolescentes freqüentam-na, porque lá, junto com a quadra do Bloco "Mataram Meu Gato", onde há samba toda sexta-feira, é o espaço principal de lazer da localidade.

Tal qual no Chapéu Mangueira, Nova Holanda depara-se com a questão do tráfico de drogas. Nessa comunidade o problema apresenta-se de forma mais pungente. A ocorrência da atividade é mais disseminada no bairro. Os relatos dos meninos e adolescentes apresentam-se mais fortemente marcados pela presença dos criminosos na vida da localidade. Vários dos entrevistados referiram-se a situações concretas de envolvimento com a droga. O bairro também ocupa no imaginário urbano uma posição alvo de maior estigma relacionado ao mundo do crime, se comparado com o Chapéu. Quando perguntados sobre a presença da criminalidade, geralmente os jovens informantes afirmam que se há algo que deve sair do bairro é o posto policial, situado na confluência das duas ruas principais. Mostram-se satisfeitos com a relativa ordem imposta pelo "pessoal da boca", que é tido como responsável pela segurança no local, principalmente pela regra estabelecida de "roubo só fora do pedaço". A razão dessa espécie de ordem às avessas é ditada pela necessidade de manter a polícia fora dos negócios da droga e obter a aprovação da comunidade. Contudo, se a pacificação do bairro comemorada pelos seus jovens moradores data de uns seis anos, quase no final do nosso período de pesquisa (fevereiro de 1993), uma série de assassinatos atribuídos à disputa pelo controle do território das drogas em Nova Holanda tornou nossa presença ali impossível.

A entrada na comunidade bem como a mediação para a escolha do nosso primeiro guia no bairro foram realizadas através do presidente da associação de moradores. A avaliação feita acerca da condução do trabalho no Chapéu Mangueira mostrou a necessidade de termos um auxiliar de campo do sexo masculino. Os rapazes mostravam-se muito arredios em relação às entrevistas. Assim nos foi indicado Wellington, cuja mãe buscava um emprego para o rapaz, junto à associação. Nisso a organização comunitária é bastante ativa, ainda que os recursos efetivos não sejam expressivos. A favela tem uma tradição de ser pesquisada; está afeita a

esse procedimento<sup>11</sup>. Enfrentamos uma negociação truncada para a nossa presença ali, só sendo solucionada com a promessa de retornar os dados para a comunidade. Vale registrar que fazer pesquisa em bairros populares no Rio de Janeiro tornou-se de certo modo uma aventura. Mesmo com o apoio das informações de organizações não-governamentais, que já atuaram na região, permanece um vasto território de coisas não-ditas e que não podem ser perguntadas. O problema da organização do tráfico local - em geral referida como o "pessoal do movimento" - é uma delas. As associações de moradores, por vezes, tomam partido a favor da 'benemerência' dos chefes ou se mostram quase reféns desses grupos<sup>12</sup>.

A reflexão acerca do auxiliar-rapaz originou-se do fato de que no Chapéu a maior parte das entrevistas foram realizadas num segmento espacial da favela conhecido como "mangue". Trata-se de um trecho do morro que ficou assim conhecido pelo fato de há alguns anos atrás, ali habitarem algumas mulheres que "não se davam o respeito". A conduta desaprovada incluía gritos, brigas conjugais e, não raro, pancadarias entre vizinhos e familiares. O nome resgata um antigo bairro de prostituição no Rio de Janeiro. Hoje em dia, entretanto, se reconhece que tais famílias se mudaram do morro e que ali mora "gente de bem" e, em particular, "meninas que têm cabeça". "Ter cabeça" é uma expressão recorrente nas falas; ela envolve uma forte conotação moral positiva, abrigando os significados de responsabilidade, inteligência e correção de conduta. Vários trabalhos sobre segmentos populares têm chamado atenção para o caráter sintético dessa formulação, que se contrapõe frequentemente à "cabeça fraca" (cf. Duarte, 1986, Zaluar, 1990). As "meninas que têm cabeça" não eram muito "namoradeiras" e ostentavam uma conduta particularmente controlada por pais e irmãos, parecendo representar uma espécie de reserva moral do morro. Em razão desses primeiros contatos, as demais entrevistas encaixavam-se nas redes de relações desse núcleo inicial, seguindo esse mesmo padrão. A amostra etnográfica estampava famílias bem organizadas, embora informantes como membros da associação de moradores e dos serviços comunitários desviassem comentários sobre desagregação da família e proliferação das meninas de "cabeça fraca", particularmente as adolescentes que se deixavam engravidar. Portanto, em Nova Holanda, tínhamos duas preocupações: obter mais dados sobre rapazes e identificar, não propriamente casos de desagregação do grupo familiar, mas adolescentes cujo comportamento não fosse alvo de um controle tão estrito por parte da família. A primeira solução não funcionou. Wellington, nosso primeiro guia, está mais interessado em futebol. E novamente as moças mostravam-se muito

---

<sup>11</sup> Por intermédio de uma pesquisadora da organização não-governamental FASE, fizemos um reconhecimento da área do Complexo da Maré, com um campo exploratório na Baixa do Sapateiro, Maré e Vila do João.

<sup>12</sup> O primeiro apoio ostensivo de uma associação de moradores ao tráfico ocorreu em 1987 quando a população da Rocinha, considerada a maior favela da América do Sul, desceu o morro para fechar uma importante auto-estrada - a Lagoa-Barra em protesto contra prisão do traficante Denis. A manifestação

mais disponíveis para auxiliar na busca de entrevistas. Talvez se tivéssemos contado com pesquisadores do sexo masculino teríamos tido mais sucesso. Contudo, Nova Holanda respondeu melhor a essa desvantagem. Comparativamente ao Chapéu, parece abrigar jovens mais "descolados", menos inibidos e com discursos bastante articulados sobre sua situação social. Ali também tivemos acesso a adolescentes que já são mães. No conjunto, o contraste entre as duas comunidades mostrou-se proveitoso.

Resta caracterizar em termos de alguns dados o universo pesquisado: as famílias apresentam-se de tamanho variável. As de maior número de filhos são as que têm os adultos com faixas etárias mais altas. Observa-se nas mulheres mais jovens (em torno dos 30 anos) um clara preocupação com a limitação do número dos filhos, tendo uma expressiva maioria adotado a esterilização cirúrgica. De forma recorrente, tal opção foi realizada em um contexto de não utilização de outros métodos de controle da fertilidade. Aliás, na situação dessas conversas aparece de forma muito nítida de que modo a educação sexual permanece sendo um tabu entre as gerações numa família. Em geral, as mães reconheciam que contavam com a escola e sobretudo com a conversa entre "colegas" para que suas filhas fossem tendo acesso a informações sobre sexualidade e contracepção. Os pais jamais intervêm nessa área; quando muito, são os designados para conversarem com os filhos homens sobre doenças venéreas. Nesse sentido, as campanhas sobre prevenção da Aids, que têm lugar na escola, têm trazido algum benefício, ao menos do ponto de vista dos pais e mães entrevistados. Elas suscitam, no entender desses informantes, ocasião para os adolescentes terem acesso à informação "certa" e debaterem-na.

O nível de renda é variável; gira em torno de 2 e 3 salários mínimos por família<sup>13</sup>. Entre as profissões paternas arrolam-se as de motoristas de ônibus, porteiros de prédios, lustradores, pedreiros, serralheiros, lixeiros, mecânicos e ambulantes. A situação de emprego abriga desde a ocupação regular, "de carteira" até a condição de trabalhador por conta própria. Os ofícios se combinam também com uma infinidade de pequenos expedientes e serviços para complementação de renda, cruciais em momento de crise econômica, o que é estampado pelo número expressivo de desempregados na amostra em questão. O pai de Erika e Elaine por exemplo é motorista diurno, mas acorda às quatro da manhã para distribuir o pão de uma padaria próxima ao Chapéu. Esse expediente lhe garante o pão da semana para os seus sete filhos. As informações sobre renda foram as mais difíceis de obter em razão de desconhecimento das crianças e de deliberado despistamento também.

---

popular, que impediu o trânsito por mais de dez horas, foi comandada pela associação de moradores (Jornal do Brasil - série de reportagens intitulada A República do Pó, 16/2/92 a 18/2/1992).

<sup>13</sup> O valor do salário mínimo nos anos de 1992 e 1993 esteve em torno de sessenta dólares norte-americanos.

Nenhuma das mães apresenta um trabalho extra-doméstico sem períodos de interrupção. A atividade remunerada aparece como complementar à do marido, ainda que reconheçam que o "trabalho fora" é cada vez mais necessário. As interrupções, ilegítimas caso se tratasse de homens, ocorrem motivadas pela gravidez ou cálculos da relação custo-benefício entre salário recebido e serviço prestado. São, em geral, empregadas domésticas, ou empregadas em firmas especializadas em limpeza. Outra profissão comum é a de costureira, sendo usual tanto a costura a domicílio, atrelada a uma vizinha que coordena o acesso à clientela, como a de costureira-diarista. Várias mulheres relataram, no entanto, que esse tipo de trabalho - a costura - diminuiu muito "depois do Collor", relacionando a perda de freguesas ao agravamento da situação econômica do país a partir de 1992.

O impacto maior do desemprego se abate sobre os rapazes, que, quando trabalham, estão todos associados ao mercado informal. Curiosamente, no universo desta pesquisa, as adolescentes apresentam maior nível de emprego, mas deve ser considerada a natureza da investigação realizada, escapando-lhe, portanto, qualquer pretensão de generalização.

Uma dimensão importante nos dois casos analisados refere-se às relações étnicas presentes nas comunidades. Como já foi salientado na introdução, a expressiva maioria dos(as) entrevistados(as) era negra ou mulata. Contudo, a presença de algumas crianças brancas em certos contatos observados por nós permitiu a aproximação ao código que rege tais encontros.

### **3. O LAR/A CASA**

Já adiantamos algumas considerações sobre a organização da família nas classes trabalhadoras urbanas. O domínio da casa encarna física e simbolicamente a família. As formas de autoridade entre cônjuges, pais e filhos e entre irmãos, consignam uma divisão sexual/moral do trabalho impregnada de uma forte oposição entre os gêneros, que tem sido apontada como característica da cultura brasileira e latina (DaMatta, 1979; Aragão, 1983; Pitt-Rivers, 1977). Tal modo de conceber as relações tidas por ideais entre os sexos não implica, contudo, que não se possam encontrar homens, mulheres, meninas e meninos atuando em esferas distintas daquelas que lhe seriam normalmente atribuídas. Tais situações não devem ser entendidas em termos de uma contradição radical com o papel de gênero prescrito, mas antes como expressões de níveis diferenciais de situação em que uma dada conduta integra o comportamento de pessoas de diferentes sexos. Este é o caso, por exemplo, da contribuição dos meninos e meninas para a manutenção da casa, entendida como serviço doméstico.

As meninas desde cedo aprendem que a casa é "coisa de mulher". São socializadas para lidarem com as tarefas envolvidas no cuidado com o lar e, sobretudo, repreendidas se não responderem positivamente a tais demandas. Num grupo doméstico como o de Carla Daniele, ao acordar às 8 horas, espera-lhe o trabalho de arrumar, junto com a mãe, a pequena casa em

que residem no Chapéu. Ela gasta em torno de uma hora com essa atividade, tempo que dobra, caso a mãe, que realiza pequenos biscates, esteja trabalhando. Ela reclama que seu meio-irmão Anderson, de 9 anos, pode dormir até mais tarde e que não lhe é cobrado nenhum esforço com a casa. Até mesmo a sua função de jogar o lixo fora é geralmente deixada para ela. O impacto dessa atribuição é relatado por Carla como atrapalhando ou impedindo o cumprimento dos deveres escolares, afirmativa que é contestada por suas colegas, que afirmam que ela é "mole". Se a mãe está em casa, ela "fica em cima" para que as crianças cumpram as obrigações escolares. Mas o "trabalho" dessa menina não pára aí; por ser a única na rede de parentesco vizinha, ela é responsável pela limpeza da casa da avó materna, quando, algumas vezes, recebe dinheiro por essa atividade.

Duas categorias ordenam idealmente o universo das relações familiares quando este é avaliado pelo ângulo dos(as) filhos(as) nos grupos trabalhadores: *obrigação* e *ajuda*. O primeiro termo, e o essencial, já foi aqui referido na caracterização da família no contexto social considerado. *Obrigação* encarna os elos e os deveres que soldam os membros de um grupo doméstico, dando conta do princípio que a ele subjaz: a reciprocidade - troca engendrada pela interqualificação de gênero, idade e papel social de seus elementos. Tal noção engloba a de ajuda, que deve ser compreendida em termos dos contextos situacionais em que é acionada. Assim, em razão da maneira diferencial como se articulam os papéis sociais para meninos e meninas, o trabalho doméstico reveste-se de um conteúdo de "obrigação" para as meninas e para os meninos como *ajuda* condicionada à vontade deles. Tal distinção emerge de forma muito nítida quando os depoimentos masculinos assinalam "faço porque quero, para ajudar" ou ainda "[isso] é trabalho de mulher, ajudo, mas não sou obrigado". Revela-se, nesse modelo complementar, a lógica de gênero que organiza as relações no grupo doméstico, fazendo com que o domínio da casa apareça como de responsabilidade feminina. Já os aspectos atinentes ao provimento da casa e à sua articulação com o mundo público cabem primordialmente ao masculino. Esse feitio explicita-se no marco moral da *obrigação* para os meninos e rapazes com o trabalho quando se encontram em torno dos 14 anos. Tal quadro se mantém como norteador das trajetórias, caso condições de vida mais prementes não impulsionem filhos e filhas a mais cedo se depararem com a responsabilidade de contribuir efetivamente para o sustento da família.

No interessante artigo "Uma infância de curta duração", Dauster (1992) analisa a dinâmica das relações familiares nas camadas populares urbanas igualmente a partir do conceito antropológico de reciprocidade. Movida por uma acurada postura relativizadora, essa autora salienta o fato de que a participação das crianças no trabalho presente no grupo doméstico é revestido de naturalidade para esses sujeitos. Assinalando que a categoria trabalho é polissêmica nesse contexto, Dauster indica a intrincada conjugação de constrangimentos que recaem sobre a infância e a família nesse mundo social de modo que "ajuda" e "obrigação"

referem-se ao caráter simultaneamente 'espontâneo' e 'imposto' da contribuição infantil para com suas famílias. Sem negar a ambigüidade que os discursos infantis e juvenis comportam quando falam da "obrigação" do trabalho, saliento, contudo, que é possível discriminar-se sentidos diferentes entre as duas categorias observando-se o prisma situacional em que os enunciados são feitos bem como privilegiando a dimensão do gênero na articulação dessas falas. O exame das trajetórias das crianças e jovens dos dois sexos deverá tornar tais afirmações menos obscuras.

As meninas e moças residentes no Chapéu Mangueira, por exemplo, apresentam um cotidiano marcado pelo controle de saídas e contatos com o mundo público muito mais acentuado, o que se desdobra numa tentativa de adiamento da entrada no mercado de trabalho, que é, na maior parte das vezes, o do emprego doméstico. Isto dependerá fundamentalmente da capacidade dos integrantes adultos do grupo doméstico de proverem a subsistência da unidade. Como já foi mencionado, isso não significa dizer que as meninas desde cedo não se desimcumbam de tarefas bastante árduas, representadas pela variedade de atividades necessárias para a reprodução da unidade residencial. Serviços domésticos compreendem a produção ou a transformação secundária de bens de consumo e a realização de atividades associadas à subsistência e manutenção do lar/abrigo e de seus dependentes (Roberge, 1987:61-62). Lavar, passar, tomar conta de crianças menores, limpar e arrumar a casa, esquentar refeições, e, mais raramente, cozinhar são atividades regulares para as meninas desde os cinco, seis anos de idade. A cozinha detém, entre as atividades domésticas, um lugar privilegiado, cuja ocupação está destinada à figura feminina de autoridade, freqüentemente a mãe, ainda quando ela trabalha fora. Em condições excepcionais de excesso de trabalho, essa atividade pode ser assumida por algumas das filhas. O significado particular da cozinha entre tantas atividades parece estar relacionado à excelência que detém na reprodução dos membros de uma determinada família, atributo máximo do gênero feminino. As meninas e moças desimcumbem-se preferencialmente da tarefa de requentar a comida ou, no máximo, "fazer um arroz".

A utilização do tempo nessas atividades é de difícil mensuração para os atores. As avaliações giram em torno de uma a duas horas. As atividades, entretanto, se desenvolvem de maneira sincopada no correr do dia, e a ocupação de "olhar menino" pode preencher um espaço de tempo de até 4 horas, período que as meninas e adolescentes geralmente não contabilizam como uma atividade em si, uma vez que essa se desenrola ao mesmo tempo com o próprio lazer. Assim, ao descerem para a quadra que integra a favela no Chapéu ou ao vigiarem, sentadas na soleira da casa, as crianças brincando em frente, em Nova Holanda, as meninas e adolescentes estão respondendo por responsabilidades no tocante à família de uma forma que lhes parece natural. Em grupo, as garotas brincam, conversam e fofocam sobre roupa e namoros dos conhecidos enquanto "vigiam" os menores. Tal atividade, cuja

representação mais pregnante é a de *ajuda*, por vezes implica certa remuneração para elas. Esse procedimento não é necessariamente regra, admitindo uma série de arranjos possíveis. Sílvia, 16 anos, por exemplo, tem por tarefa pegar o primo, de cinco anos, na escola todos os dias, depois lhe dar banho e lanche.

"A tia às vezes dá dinheiro, mas num' peço. Ela dá quando quer. Mas criança é dose! Fico de saco cheio. [Aliás todas as meninas reclamam ], mas é sempre o trabalho que pinta prá gente. Uma vez trabalhei numa colônia de férias tomando conta de crianças."

Ana Cristina é mais radical: "não quero ter filhos, para não ficar cuidando de cocô de criança".

A categoria *ajuda* traduz certa gratuidade implicada nas relações familiares sancionadas pelo princípio da reciprocidade. Nessa ordenação, as crianças são chamadas a contribuir com algum desempenho, o que contrasta fortemente com outros padrões de relacionamento familiar, sobretudo os que abrigam uma representação de infância comprometida com o ideário igualitário e moldados pelo espírito de que se trata de uma etapa particularmente exigente de atenção e prerrogativas. O grupo doméstico nas classes populares encerra um ciclo de trocas em que a dádiva dos pais em relação aos filhos, em primeiro lugar, a da vida, e a do sustento é retribuída pelos filhos em termos de um compromisso na *ajuda* para o funcionamento do grupo como um todo. Essa maneira de conceber os vínculos entre adultos e crianças mostra-se crucial na socialização destas últimas, que desde cedo falam na contribuição que darão em casa tão logo passem a ter salário. O depoimento paradigmático de uma mãe de cinco filhos, que afirma categoricamente rejeitar a idéia de uma compensação pecuniária para as filhas ou filhos pela realização desses trabalhos domésticos, exprime a expectativa da contrapartida filial (e infantil) na dinâmica doméstica. Diz ela:

"Acho absurdo dar dinheiro prá filho porque faz alguma coisa em casa. Já dei a vida, dou sustento, e aqui em casa é assim. Não tem querer. Não tem moleza. É criança sim, mas já vai aprendendo, vai ajudando, cada um fazendo um pouco prá vida da gente arribar".

A divisão de tarefas na casa, obedecendo a uma lógica de gênero, integra o leque de obrigações dos filhos para com os pais, fechando um ciclo de reciprocidade no qual se arma a lógica da família nas classes trabalhadoras urbanas (Duarte, 1986). Do mesmo modo que o auxílio prestado em casa é percebido como uma decorrência natural da integração no grupo doméstico, não compondo um circuito de trocas que possa ser monetarizado, o dinheiro quando recebido pelas meninas pelo cuidado com crianças menores faz parte das dádivas e contra-dádivas que a vida familiar encerra. A remuneração por essas atividades faz-se presente quando envolve outras unidades, ainda que entre elas haja vínculos de parentesco ou compadrio. Tal modelo de relação torna-se explícito quando se observa nas falas referentes à

projeção de entrada no trabalho extra-doméstico a afirmativa de que metade do salário destina-se à mãe ou à família.

Conforme Machado Neto (1980) salientou com propriedade, o eventual auxílio que as meninas possam receber pode ser incorporado de modo menos marcado ou explícito ao grupo doméstico do que aquele que é auferido por meninos. Tal padrão se integra na percepção de que o papel de provedor, que está na base da identidade social masculina, é aquele que é colocado em foco ao invés da efetiva contribuição feminina para a manutenção do lar. Dessa maneira, o aporte feminino para o conjunto dos membros do grupo doméstico se dissipa simbolicamente. A percepção de que o dinheiro auferido pelo gênero masculino é disposto de modo mais individualizado é antes um efeito de projeção da ideologia individualista sobre um universo que a desconhece do que uma propriedade concreta. Esta projeção se assenta sobre uma aparente semelhança. O dinheiro ganho pelos rapazes reveste-se do caráter de externalidade que constitui o gênero masculino e se alimenta de uma certa idéia de auto-determinação que é emblemática da virilidade; os ganhos juvenis também se integram à lógica de uma totalidade, sob a rubrica de "dar dinheiro em casa". Deve-se reter assim não a suposta vantagem masculina, ângulo de apreciação ingênua derivada de olhos comprometidos com uma ética da igualdade individualista, mas sim o caráter mais marcado, mais valorado dessa contribuição.

Algo de similar se passa com o tempo. Como bem demonstra Annette Langevin (1987), as temporalidades são socialmente marcadas pela experiência de classe social, gênero e faixa etária. Desse modo, os segmentos de tempo adquirem significados distintos para cada uma das categorias sociais recortadas por esses eixos classificatórios. O tempo de 'trabalho' das meninas é menos marcado, menos singularizado do que aquele que pode ser identificado como a contribuição dos integrantes do gênero masculino. Intervém também, de modo inequívoco, nessa percepção, a própria categorização do domínio do trabalho como algo simbolicamente vinculado ao homem.

Cabe salientar, contudo, que a composição por sexo e a posição no grupo de siblings (conjunto de irmãos e irmãs) determina fortemente o destino das meninas, ainda mais do que o dos meninos. É usual ouvir-se "quem mandou eu nascer primeiro" - frase síntese da carga de responsabilidades que se abate sobre as filhas mais velhas no tocante ao funcionamento do lar. São elas, que, comparativamente às demais irmãs, mais cedo se iniciam na tarefa de aprender o serviço da casa e por ele serem responsáveis. A trajetória será tão mais sobrecarregada quanto mais irmãos (do sexo masculino) forem nascendo. D. Helena, falando de sua filha Erika, diz ser ela "seu braço direito". De fato, a menina de 11 anos, é uma antecipação de uma mulher adulta, - o equivalente da "mulher pequena" referida por Machado Neto (1980) - , estando encarregada de inúmeras tarefas, o que inclui o intenso e ininterrupto cuidado com os 7 irmãos, salientando-se que o mais novo tem um ano e meio de idade. Cordata na frente da

mãe, Erika apresenta um discurso conformado e em conformidade com as expectativas em torno do seu papel de gênero. Contudo, quando longe do olhar de D. Helena, manifesta seu descontentamento com sua trajetória de vida, desejando não ter tantos irmãos e poder brincar mais.

A descrição de uma situação da pesquisa de campo ilustra tal afirmativa. Entrevista na casa de Ana Cristina, 10 anos, colega de Erika, que assiste à conversa, também presenciada pela mãe de Ana. O pai da menina é serralheiro e trabalha numa indústria; a mãe é servente em uma escola. Ambos ganham um salário mínimo. O casal tem ainda outros dois filhos: Jonas de 11 anos e Jordana de 5. A mãe diz que gostaria de ter sido professora, - "não é porque eu não pude estudar que não vou dar chance aos meus filhos".

Ana Cristina afirma que tem muito trabalho em casa. "Fico muito cansada". Passa a mãe e diz que a menina não faz nada - "Só com o chinelo ela faz alguma coisa" - "Eu faço, meu irmão não faz nada". A mãe contrapõe: "os dois não fazem nada". Ana Cristina deve olhar por Jordana, que, pelo que foi observado, deve ser tarefa difícil. Durante a entrevista, Jordana, talvez excitada com a nossa presença, não pára nenhum momento, saltita e pula, quebrando uma poltrona. Em alguns momentos, Ana é capaz de reconhecer que não faz nada. Não gosta de estudar; a mãe passa e intervém novamente: "Se ela disser que gosta de estudar, está mentindo!" Ao falar da rotina da escola, o que mais a atrai e merece comentários é a merenda. "O angu não como, só gosto de coisa boa". O exemplo que traduz as suas preferências (cf. Bourdieu, 1979): macarrão com salsicha. Erika, nesse contexto, diz que gostaria de ter uma bolsa da qual ela pudesse tirar tanto dinheiro quanto precisasse e "ia ter comida boa todo dia lá em casa". Sonhando alto, corrige-se e diz querer ter duas bolsas. A outra bolsa é para "mandar os pais prá outra galáxia, prá deixar de encher tanto, que eu só tenho trabalho". Ana Cristina concorda acintosamente com a proposta, e a mãe diz do outro cômodo, - "é, e quando quisesse comer um bolinho..." - "Só tirava de lá pelo bolinho, e depois punha de volta". E segue, buscando apoio para as suas afirmativas na presença da entrevistadora: "Minha mãe é muito ruim, muito má, não deixa eu ir á praia, só no fim de semana, quando eu imploro. Ela não me deixa ir porque Deus não se agrada dessas coisas, porque tem umas mulheres que ficam de peito de fora". A mãe, que frequenta a Assembléia de Deus do Leblon, intervém dizendo que não proíbe de fato, mas exige que se vá com alguém de autoridade. Ana conclui: "quero ir para Universal, porque é mais liberal, pode usar biquini. Quando crescer, vou sair muito, vou dançar, vou fazer tudo o que me proibem agora". Erika observa a amiga com olhar sonhador, e diz: "Também quero ser bem alegre".

O episódio descrito revela as tensões existentes na família nesse contexto. Erika, cujo comportamento na frente de parentes beira o conformismo, longe, deixa escapar suas críticas. Seus comentários mais fortes dirigem-se à mãe que "teve tanto filho e agora sobra prá mim". Ao excesso de tempo que se vê obrigada a estar às voltas com o trabalho doméstico, às

preocupações em torno do "dinheiro que é pouco", soma-se o controle do seu tempo de lazer e de suas saídas para o "caminho", nome que no Chapéu Mangueira é usado como rua. D. Helena também é "crente"<sup>14</sup>, tal qual a mãe de Ana Cristina. Essa identidade religiosa exarceba uma certa concepção de família, de bem e de salvação, peculiar às igrejas evangélicas (Novaes, 1990 e Fernandes, 1993), que intensifica de modo radical a reclusão feminina no espaço privado. Contudo, é a posição de Erika como primogênita mulher numa família de classe trabalhadora, que agrava a sobrecarga de trabalho com que está envolvida.

Material etnográfico proveniente de outras pesquisas ajuda a compor esse quadro. Tania Salem (1981), no contexto da discussão do tema do primogênito eleito como figura de arrimo, arrola depoimentos significativos: "Filha mulher ajuda muito, né? Já pensou se essas menina' fosse tudo homem? 'Tava eu em casa sem poder trabalhar" (mulher, empregada doméstica, de 47 anos com sete filhos com predominância feminina nos primeiros postos; Salem, 1981:87).

O trabalho dos meninos no lar aparece de forma muito mais eventual. Exprime-se freqüentemente pela atividade de ajudar em obras que porventura estejam sendo realizadas na própria casa ou na de vizinhos ou parentes. Carregar saco de cimento, pedra, levar entulho para um lugar mais distante aparecem como as atividades que iniciam os meninos no aprendizado de "trabalho de homem". A experiência na atividade de pedreiro e correlatas representa uma das atividades mais disseminadas entre as classes populares urbanas para enfrentar o estrangulamento do mercado de trabalho, consistindo em um dos "biscates" mais regulares.

Assim, os meninos são socializados segundo as regras de uma saída do grupo doméstico, que privilegia o trabalho mais exterior e também aquele que, de algum modo, abriga um componente importante da identificação da virilidade - a força física. Como mostrou Machado da Silva (1969), o *trabalho* nos segmentos populares aparece geralmente valorizado em torno do desempenho técnico e da força física, atributos que implicam uma clara referência a concepções em que a atividade não-manual aparece como não-trabalho. Os meninos vão, assim, sendo impelidos a uma exteriorização frente ao domínio da casa, regra que se pode observar operando quando se analisam suas restritas atribuições com o "serviço da casa". Recorrentemente, as atividades domésticas para meninos são definidas como lavar banheiro e varrer quintal ou áreas mais externas da casa, como a laje superior, ou ainda jogar lixo fora. Tais tarefas revestem-se de uma categorização de masculino porque envolvem, segundo os

---

<sup>14</sup> É espantosa a taxa de conversão às igrejas protestantes entre as classes trabalhadoras urbanas no Rio de Janeiro. Para uma avaliação desse crescimento, bem como da segmentação desse campo religioso, ver Fernandes, 1993. Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus são algumas das denominações presentes nesse fenômeno.

sujeitos sociais, mais "peso". Não se trata, como bem se sabe, de implicar efetivamente trabalho mais pesado, mas sim a vigência do valor a ele atribuído.

A análise da dinâmica das relações de gênero na família só se faz clara mediante a acentuação de que os meninos, comparativamente às garotas, gozam nos primeiros anos de suas vidas de uma relativa 'liberdade', derivada da construção social da masculinidade nesses grupos sociais. "Menino é mais livre", "menino não faz nada" é a avaliação em tom de queixa mais comum que se ouve enunciar por parte das crianças de sexo feminino. Em decorrência do atributo de uma maior exterioridade frente ao domínio da casa, os meninos têm acesso a um tempo de lazer que decorre fora das vistas de seus parentes, que só podem, portanto, exercer sobre eles um controle menos direto. As meninas e adolescentes, via de regra, são objeto de restrições relativas aos locais que podem freqüentar e ao tempo que podem passar na "rua". Mesmo que elas possam eventualmente transgredir as fronteiras de gênero em que estão sendo socializadas, cuja virtualidade é resgatada na representação de que "menina quando dá para ser levada, é pior do que menino", tais possibilidades de insurreição contra as normas estão mais fortemente demarcadas. A transgressão redundando na acusação de desvio, de menina fácil ou "solta", o que acarreta uma trajetória toda peculiar. Assim, a frase freqüentemente repetida em tom de lamentação pelas meninas e adolescentes é de que são mais "presas" (cf. Sarti, 1989). Contudo, essa relativa liberdade favorável ao masculino na adolescência parece, se não reverter, pelo menos se colorir de traços menos positivos. Trata-se da expectativa alocada sobre esse gênero de "trazer dinheiro para a casa" a despeito do que possa significar tal imperativo numa sociedade com graves problemas de reprodução social para os membros das classes desprivilegiadas (Rodrigues, 1978 e Scott, 1990). Nesse sentido, a intrincada conjugação nesse universo social das categorias de gênero e idade que conformam o grupo doméstico demanda que a reflexão sobre a casa e a família agregue a sua outra face: a do trabalho.

Relativamente a esse ponto, uma certa distinção se oferece entre as duas comunidades. A pressão para o sustento surge de modo muito mais nítido na favela de Nova Holanda, onde a presença de crianças e jovens que trabalham é bem mais significativa. É provável que a essa situação decorra do fato do número de famílias em que ocorreram separações dos pais ou abandono, determinou que os filhos de ambos os sexos fossem sejam levados mais cedo a contribuir com a reprodução do grupo doméstico. Na amostra das redes sociais investigadas observa-se que no Chapéu, 8 crianças e adolescentes pertencem a famílias cuja composição não reúne seus pais e mães. Há entre eles o caso de dois irmãos órfãos que vivem com parentes e o de duas meninas que residem com as respectivas madrinhas, cuja trajetória de vida será descrita mais adiante. Já em Nova Holanda o número sobe para 15 casos. Os arranjos familiares resultantes da separação, morte e abandono são variáveis, e entre eles consta o recasamento de um dos genitores. Entretanto, quando tal acontece, é usual

que os(as) filhos(as) da união anterior sejam induzidos a buscar formas próprias de sustento. Isso ocorre em razão das eventuais tensões entre a contribuição financeira e formas de autoridade nascidas do novo arranjo doméstico. Cabe ressaltar portanto que os dados disponíveis não apontam necessariamente para discrepâncias substantivas no nível de renda. Elas não são tão acentuadas que pudessem servir de explicação última para tal feito. Os sinais indicam fatores de ordem mais propriamente simbólica. "Sair para engraxar" em lugares como Bonsucesso, Centro ou Copacabana aparece como alternativa para os meninos em torno dos 9 anos como meio de ajuda no sustento da família. Também é usual a atividade de carregar compras de feiras mediante o "carrinho" ou embalar pacotes em supermercados. Embora estas não sejam atividades necessariamente regulares e impostas pelos pais, os ganhos auferidos integram-se parcialmente nas despesas do lar (cf. Rizzini e Rizzini, 1991). É comum os pais referirem-se ao início dessas atividades como sendo da iniciativa das crianças. Certamente, em uma pesquisa de pouca duração como a realizada não é possível estimar-se com maior precisão o grau de veracidade dessas afirmações; seria recomendável um trabalho de campo que pudesse acompanhar certo número de famílias para discernir o conjunto de situações capazes de engendrar a "decisão" dos meninos. Certo é que as condições de pobreza mais ou menos pungentes determinam que a criança assumia mais cedo um papel de contribuinte para a renda familiar. O exemplo de um menino de 4 anos é elucidativo. Confrontado com o fato de que seu irmão de 7 anos começara a engraxar, ensaia ajudar em uma venda próxima, varrendo o chão e arrumando latas. Ao narrar a situação, a mãe diz emocionada: "Esse é o que gosta mais de mim, ganhou o dinheirinho e veio para mim - toma que é para comprar pão". Desse modo, arma-se em torno das crianças uma expectativa densa de que muito cedo devam ser responsáveis para a reprodução do lar. Se, no caso das meninas, isto é representado pela *ajuda* nas tarefas domésticas e no apoio à parentela em geral, no caso do gênero masculino encarna-se na disposição socialmente construída de "trazer dinheiro para casa para ajudar a família".

### ***Um Perfil de Menina - Tereza***

Ela tem 15 anos. Parou de estudar este ano quando cursava a 7ª série. O pai arrumou-lhe um trabalho como empregada doméstica.

"Ele me deu uma surra quando larguei o emprego, achava que eu tinha que dar o dinheiro para ele. Mas, se eu tenho responsabilidade para trabalhar, tenho responsabilidade para fazer o que eu quiser com o meu dinheiro. Eu não agüentava mais aquela madame mão de vaca"<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> "Mão de vaca" significa pessoa mesquinha ou pouco generosa, aludindo ao fato das patas do animal não terem artelhos, logo são entendidas como mãos fechadas, indicativas de falta de generosidade.

Tereza e sua irmã voltaram recentemente a viver no Chapéu. Tinham se mudado para São Paulo há quase sete anos, quando, por morte da mãe, foram enviadas para viver com uma prima do pai. Na ausência da mãe, a família se desestruturou:

"O pai sempre foi de bater, mas eu aguentava. Fiquei com a responsabilidade de tudo, comida, roupa, tudo [Ela tinha então 8 anos]. Depois de duas semanas que a mãe morreu, ele trouxe uma mulher para morar aqui, sem avisar nada prá gente. Ele disse que eu não tinha querer, e que ele podia arrumar uma mulher para cuidar dele".

Como as filhas não aceitavam a situação e os conflitos com a mulher se sucediam, as meninas foram enviadas para São Paulo. Na mudança, perderam um ano de estudo.

"No início era bom, depois ela (a prima do pai) batia na gente e trancava o quarto prá gente não comer. Ficamos três anos lá, no final é que ficou pior. Uma das filhas dela roubava as coisa' e dizia que éramos nós. Mandava a gente roubar no supermercado para trazer coisa pr'o filho pequeno dela e dizia assim: - Se vocês não pegarem, eu bato em vocês".

As irmãs foram pegas diversas vezes por seguranças do supermercado. Fugiram de casa por duas vezes, mas acabaram voltando. Tereza trabalhou de servente de limpeza em um escritório em uma firma perto de casa. Trabalhava de manhã, escola de tarde e arrumava a casa antes de ir para o "serviço".

"Acordava às 5:30 e saía para o serviço às 6:30. Quando eu quis trabalhar, a tia não queria. Que eu tinha que dar conta do serviço da casa, assim podia. Lá era razoável, a filha dela não precisava roubar no supermercado, o pai do filho dava dinheiro prá ela, dava as coisa, não tinha necessidade de roubar. Quando acabou a tutela em novembro de 91, o juiz perguntou se elas queriam continuar, disse que não pelas duas. A tia ficou olhando com cara feia e disse que a gente ia embora logo. O pai foi apanhar a gente na rodoviária, acho que ele não queria que a gente voltasse. Ele gosta de ficar na farra, não gosta de responsabilidade. Quando subiu o morro, ele mandou cada uma para casa de uma madrinha, nem deu tempo de contar prá ele o que aconteceu com nós em São Paulo".

O depoimento de Tereza traduz com emoção, nitidez e radicalização o que se passa nesse universo. Nele, vê-se imbricação das idéias centrais que presidem a lógica desse universo social: o valor da responsabilidade, o sentido ambivalente que pode assumir a autoridade paterna, a "necessidade" e os limites que podem justificar a transgressão para o crime, o modo como as crianças "adotadas" se integram de maneira diferenciada no circuito de trocas do grupo doméstico, contribuindo com uma parcela ainda maior de serviço na casa, a relação com o estudo, contingenciada pela situação de pobreza, na qual a perda de um ano de estudo não é percebida como problemática, como o seria em outros grupos sociais.

As formas de autoridade entre pais e filhos revelam-se de um modo indireto mas nítido nas palavras de Tereza quando fala da amiga Tati, em cuja casa mora atualmente.

"A Tati é muito respondona. De vez em quando nós duas discute, mas logo fica de bem. Até com o pai dela, ela discute. E, ó, o pai dela é daquele tipo que não gosta de bater, ele só fala.... Outro dia o pai deu um tapa nela, e ela ficou de mal com ele um tempão".

O pai "que só conversa" aparece como uma exceção. Se de um lado, o sr. Francisco aparece como um espécimen raro onde a violência física para com os filhos e a figura do "pai brabo" são constantes, de outro lado, configura-se de que modo o uso da agressão é tomado como um recurso (relativamente) legítimo na montagem das relações familiares. A utilização da coerção física como meio de constrangimento usufrui de uma certa naturalidade nesse contexto.

As narrativas também dão conta de mães que recorrem usualmente ao "bater". Eniza, de 9 anos, reclama que sua mãe chega do trabalho sem paciência e bate nela quando vê que o dever da escola não está feito. Uma mãe entrevistada em Nova Holanda, contando o porquê sua filha de 7 anos está de castigo sem sair de casa há dois meses, diz:

"Sei que tem essa história de não bater. Aparece na televisão. Mas como é que vai fazer? Eu não sou assim de chocar com a cabeça de criança na parede (imita o gesto), mas sem tapa, não vai".

Na lógica de atribuição de papéis na família, à mãe corresponde uma presença mais efetiva na vida das crianças e adolescentes. Quando perguntados pela educação de seus filhos e filhas, os pais, em geral, demonstram ser essa uma atribuição feminina, adotando uma posição mais distanciada. Assim, a figura do pai oscila entre aquele que, quando intervém, é violento, ou a personagem ausente. Esse quadro é agravado pelas relações de tensão existentes quando do recasamento de um dos pais e as crianças convivem com padrastos ou madrastas; Clay não fala com o seu padrasto. Tem "revolta" porque ele bate nos irmãos menores e não pode fazê-lo porque "não é pai" (cf. Vogel e Mello, 1991::143).

O meio como se desfruta o lazer em casa gira em torno da televisão. Nos casos mais raros, quando há mais recursos, o videogame para as crianças.

### ***Um Perfil de Rapaz - Valmir***

No momento da entrevista Valmir tinha 17 anos. Parou de estudar em 1990, quando cursava a sexta série; não se recorda se fez pré-escola. A primeira razão que aponta para a interrupção dos estudos é a falta da merenda no CIEP em que estudava na Nova Holanda, mas isso também coincide com a morte do seu pai e a desestruturação da família. Faz biscates, e não quer estudar de noite, porque fica muito cansado.

"Quando meu pai tava vivo, eu não esquentava, fazia um trabalho aqui e ali, sempre que o pedreiro chamava por semana. Gastava o dinheiro à toa, com guaraná e sinuca. Dava uma parte para a mãe. Meu pai trabalhava na Comlurb, ganhava até bem, mas não sabia controlar, ele bebia, roubavam ele na tendinha". {Hoje, Valmir faz carroto}. "Aprendi a fazer o carrinho com o pessoal da Pastoral do Menor, mas não dá muito dinheiro, tem muito menino fazendo isso, não é um trabalho pesado, mas é cansativo. Quero um trabalho com carteira assinada, prá ganhar salário todo mês, isso depois do exército".

"Minha mãe não liga pra nada. Nem assinar o documento pra eu receber a pensão do pai, ela foi. Eu também não quis levar ela à força, ela só me faz passar vergonha, não sabe nem conversar direito, só quer saber de beber. Ela bebe, fuma maconha, cheira cocaína em casa. Leva um monte de colega, de tudo quanto é tipo e idade. Homem também. É tanta bagunça lá em casa que tenho vontade de ir no posto e dedurar, mas não tenho coragem. Se ela vai presa, como é que vai ser, ela ainda faz a comida... E o pessoal da rua ia falar - 'botou a própria mãe na cadeia'. Quando pai vivia, ela não cheirava, se fumava era longe de casa. Os meus colegas, tudo fala que ela cheira, é verdade. Ficam zoando, é gozação o tempo todo".

A mãe consegue dinheiro vendendo objetos roubados pela turma com quem cheira cocaína. A renda da família é composta pelo aluguel de um dos cômodos da pequena residência. Mãe e filha dormem numa mesma cama num dos quartos e Valmir, na sala. O casal inquilino, segundo o rapaz, é quem faz os roubos. A irmã Valdicéia, de 19 anos, "amigou, mas já largou daquele homem" e contribui para as despesas da casa. Trabalha como faxineira numa empresa de ônibus.

"Minha irmã começou a cheirar há uns três meses. Depois que ela separou do marido. Ficou viciada, a mãe é que encaminhou ela nessa. Fico revoltado, ensiná besteira dessa. Tá botando ela na vida de mulher vadia. Vão para zona, na Rubens Vaz {uma das ruas principais de Nova Holanda}, é numa casa de quatro andares que tem ali, é puteiro. Já segui minha mãe, antes do pai morrer. Ela tinha arrumado até outro cara. O pai expulsou ela. Ela jogou água quente nele, ele ficou todo queimado, o tio denunciou ela. Ficou presa quinze dias, prenderam ela por tentativa de homicídio. Ai o pai quis que soltasse ela, ficou com pena. Num tive pena, tenho raiva, depois de tudo o que ela fez com ele. Foi queimadura de terceiro grau, quase que ele morreu. Quando ela foi solta, ficou que nem mendiga, lá pra Bonsucesso. Depois, bem depois, eles voltaram. Sinto falta do meu pai. Ele era pão-duro, mas no resto era bom".

#### **4. A COMUNIDADE LOCAL/A VIZINHANÇA**

Já foi assinalado de que modo a localidade para as classes trabalhadoras urbanas apresenta-se investida de um significado que transcende o de local de moradia. O modo como

se constitui a rede de vizinhança, ao congregar usualmente as relações de parentesco e compadrio, torna a comunidade uma rede social muito densa e estruturante do estilo de vida dos seus moradores.

A localidade e a vizinhança, mais do que a vivência na escola, proporcionam as relações de amizade e lazer das crianças. O lazer das meninas, que é objeto de maior restrição do que o dos meninos, circunscreve-se aos limites da comunidade, em particular às áreas mais próximas de suas casas. Assim é que quando menores as meninas, por exemplo em Nova Holanda, praticamente brincam à porta de casa. Boneca, amarelinha, elástico preenchem o dia delas.

O contraste com os irmãos na percepção das meninas e adolescentes reside mais no limite do tempo estabelecido para suas saídas do que na *ajuda* em casa. O universo de discurso está hierarquicamente ordenado pela oposição "solto x prisioneira". Diz Marcia: "ele não tem limite de horário, e a gente (ela e a irmã) só pode ficar até o final do baile, só se ficar com o irmão mais velho. Prá que é qu'eu fui nascer mulher?!"

Assim, o exame da lógica que preside o domínio da casa e do lazer assinala que a cooperação das meninas no lar, ditada pelas regras de gênero, se recobre de um caráter de naturalização, que se enraiza na divisão do trabalho (Durham, 1983). As entrevistadas não questionam o porquê das mulheres realizarem a totalidade do serviço doméstico - "homem é muito mole dentro de casa" - mas reclamam da subtração de seus irmãos do compromisso mínimo deles exigido (o quintal e o lixo, por exemplo). Em contrapartida, as meninas e adolescentes se ressentem de modo intenso dos limites que demarcam seu acesso ao lazer e à *rua* (DaMatta, 1985). Esse padrão de restrição opera de modo mais intenso se as famílias às quais as meninas pertencem dispõem de condições de exercer tal controle.

Tal modo de ordenar as relações entre os sexos, em que atributos são diferencialmente distribuídos, pode, por momentos, ferir um certo senso de justiça oriundo de uma lógica igualitária. Entretanto, se aos jovens rapazes é franqueada a 'liberdade', também lhe é simultaneamente aberta a exposição ao mundo da rua, ordenado por relações fundadas em propriedades simbólicas da masculinidade, estando entre estas, a "coragem" e a violência. Ter em perspectiva o significado da "rua" importa em considerar as relações de força que presidem contemporaneamente o dia a dia das classes populares no Brasil dos grandes centros urbanos.

Na verdade, como a literatura tem mostrado (Zaluar;1985 e 1990), o cotidiano das classes trabalhadoras urbanas tem exibido um embate extremamente rigoroso, o do enfrentamento desses "outros" ditos pobres, mas que numa comparação efetiva mostram-se como os ricos dessa comunidades. Os "bandidos" ou como são designados os "vagabundos", embora estejam desempenhando nas comunidades que controlam funções que são da competência do Estado, têm reproduzido para com essas camadas da população padrões de relação marcados pela patronagem e clientelismo. Os "donos da boca" que podem arcar com o

auxílio em caso de doença, o empréstimo de um carro para transporte de pessoas necessitadas ou mesmo como o que é designado como "segurança" e pacificação da comunidade, impõem um regime autoritário de lei do silêncio ou toque de recolher para as suas comunidades. É impossível separar a vida dos meninos e jovens das favelas dessa realidade cotidiana. Isso, em especial, se abate sobre o sexo masculino, uma vez que o domínio da rua lhes está destinado. Esse padrão se faz presente na boca de fumo ou no ponto de tóxico como um lugar exclusivo de rapazes. As meninas quando ali aparecem, estão freqüentemente ligadas a essas figuras na função de amantes (cf. Zaluar, 1993). Esse é o caso de L., menina de 14 anos namorada de X, atualmente na prisão. As versões locais dão conta de que ela engravidou para fazer frente à "mulher" do bandido que mora na Babilônia. Chegou a ser entrevistada por nós, mas as suas respostas eram evasivas e sem conteúdo. Mais tarde, chegou-nos a versão de que teria sido repreendida por ter-nos dado entrevista. Seu irmão, que sempre se aproximava da situação de entrevista, dava a impressão de que se mantinha como um "olheiro", a rigor, aquele que ouvia para narrar mais tarde o que se passava nesses contatos com os de fora da comunidade.

Em estudos sobre criminalidade, Zaluar (1990) indica que o envolvimento com o crime dá-se em torno dos 14 anos e se imbrica fortemente com os valores associados ao *ethos* da masculinidade. Combinando-se essas duas afirmativas com os depoimentos dos jovens sobre o momento de ingresso no mercado de trabalho, mesmo que seja o informal, vê-se que a maioria é socialmente reconhecida para o sexo masculino na faixa dos 14 anos. A autora afirma que o desemprego ou o subemprego não são suficientes para explicar a adesão ao mundo do crime. Esta adesão seria apenas um meio não legítimo, segundo a lógica social, de ter acesso à sociedade de consumo. Os adolescentes são bombardeados por mensagens publicitárias e por uma cultura difundida, que enfatizam a vinculação entre bens (particularmente vestuário) e sucesso com o sexo oposto. O discurso do adolescente gira em torno da valorização de bens como armas, fumo, dinheiro e roupa bonita, além da disposição para matar. Todos esses valores representam a masculinidade a ser atingida na passagem para o mundo adulto, associada ao desejo de conquista das garotas. Segunda a autora, existe uma significativa continuidade entre as experiências sociais de criminosos e não-criminosos. Não há um corte radical que defina o desvio social da normalidade e sim ênfases diferenciadas na leitura dos códigos culturais. A opção pela marginalidade seria, assim, uma exacerbação do *ethos* da masculinidade. Até mesmo as guerras entre quadrilhas se revestem dos signos da valorizada masculinidade, pois elas obedecem a uma dinâmica de manutenção do espaço, cuja inviolabilidade significa a manutenção da honra<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> O mundo da criminalidade, mesmo recebendo repúdio por parte dos jovens, como de fato acontece, aparece em certos contextos enaltecido na dimensão da "coragem" que demanda. Nas conversas masculinas, está presente uma intrincada avaliação da natureza dessa coragem. Em certos contextos, é identificada como forma exemplar de masculinidade, em outros é passível de ressalvas, porquanto é

Em certas formas de lazer, como o *funk*, pode-se apreciar tal afirmativa. Os bailes *funk* têm sido descritos como característicos da sociabilidade juvenil popular na cidade do Rio de Janeiro (Vianna, 1988). Eles integram uma parte importante da vida das adolescentes em Nova Holanda e são expressivos do modo como se articula a lógica de gênero que ordena suas existências. A narrativa é de uma moça de 15 anos, que pertence a uma determinada turma que tem por hábito alugar ônibus para se deslocar até bailes *funk* de outras localidades. Isso acontece a cada dois meses. A narrativa é rica em detalhes de como podem chegar ao local e de que modo a turma deve evitar de "invadir o território" de outra "galera"; caso isso aconteça podem-se esperar cenas de violência e pancadaria entre os jovens. Segundo ela, contudo, aí é que está o "barato", a emoção, o desafio, e o clima de suspense e de demonstração de valentia que constitui o *ethos* masculino. O traço mais significativo dessa forma de lazer e relação é a demarcação de local no interior das quadras/ clubes onde ocorrem os bailes. Cada segmento do espaço ficando reservado a uma turma, as meninas podem circular de maneira mais descontraída entre as tensões produzidas por tal cultura masculina. São elas as emissárias entre os grupos rivais de possíveis mensagens bem como a conexão com o bar ou a lanchonete no local. Transportam cerveja e refrigerantes. Essa exacerbação das identidades da "galera" produz a identificação dos não-membros como "alemães", designação que pode ser encontrada também na gíria do tráfico (JB,16/02/1992).

Os rapazes controlam de longe o tempo que as moças ficam conversando com "alemães"; elas são repreendidas se esticarem muito a conversa, que é, no entanto, necessária para circular nas áreas dominadas pelas respectivas turmas. O controle sobre a conduta das integrantes do sexo feminino de uma dada turma demonstra o "respeito" de que são merecedores os rapazes. Infinitas disputas em torno de tal respeito dividem as conversas em Nova Holanda dos adolescentes.

As relações de namoro exibem com nitidez o modo assimétrico dos papéis de gênero nesse universo. Na distinção muito acentuada entre as meninas "sérias" e as "que dão mole" ou "não têm cabeça" desenrolam-se as histórias entre os jovens. Alex de 17 anos, tem um nanorada de 15. Namoram na ciclovia, ele não vai à casa dela porque ainda não pediu permissão para namorar: "Ela é muito presa, acho isso bom, porque posso ficar indo a outros lugares sem dar satisfação". Com uma namorada anterior passava mais tempo.

"Ficava até as duas horas da manhã, mas com essa garota não posso fazer merda, botar filho na garota. Essa agora é moça, e o pai dela é brabo. Moça não dá mole, não pode, e é com essa que a gente pode casar. A fácil é só prá transa".

---

experimentada apenas por aquele que "não tem cabeça" ou é "teleguiado" (cf. Zaluar, 1985). Nessas falas manifesta-se um sentimento misto de inveja e de ressentimento diante da virilidade atribuída pelas garotas aos criminosos. "Elas têm a ilusão de que vão ser mais respeitadas porque transam com o cara do berro (arma) na cintura. Também, eles levam elas a tudo que é lugar. Têm dinheiro sobrando prá' isso" (Vagner, 17 anos).

A outra garota que namorou tinha 14 anos, não era "moça", já transava com outros e ele se preocupava se ela engravidasse, porque teria que arranjar dinheiro para ela abortar.

"Tem muito garoto que bate em namorada, e ela aceita porque gosta dele. Eu não bato, se ela fez merda, largo, isso porque num sou casado, casado é diferente. Tem que dar um beliscão, tem que bater prá ela aprender". "Aqui só tem mulher foguenta [e explica] - foguenta é mulher que só quer transar, fazer palhaçada".

Veja-se o depoimento de Daniele:

"A mãe diz para eu não fazer bobagem, fazer besteira, eu não quero perder minha virgindade assim, eu quero alguém que me assuma, minha mãe acha que não tá no tempo, e eu também acho, eu não penso mesmo nisso. Penso assim sair prá tomar um sorvete, conversar. Ter relações não; não quero um namorado que só queira aquilo e depois me largar. Minha mãe fala dessas coisas na frente de todo mundo, morro de vergonha, e se ela sabe que andei saindo com um menino, ela me bate".

Dentro da tradição antropológica (cf. Pitt-Rivers, 1977; Peristiany, 1971, e DaMatta, 1985) tem-se refletido sobre os padrões culturais que ordenam a família e, por conseguinte, as relações entre os sexos na sociedade brasileira a partir do que se denomina de "cultura mediterrânea". Tal expressão refere-se a certos traços de organização do parentesco e da moral comuns a certas regiões da Europa e do norte africano, remetendo à existência de um complexo simbólico ordenado em torno dos valores de *honra* e *vergonha*. Em termos simplificados, essa configuração cultural diz respeito ao que se define usualmente como machismo latino. A categoria machismo registra a idéia de prestígio e extremado poder masculinos, cujo exercício está no controle da moral feminina. A plenitude da masculinidade deriva da capacidade de cada sujeito em manter sua honra, o que é relacionalmente dependente da conduta do grupo de mulheres ao qual esse homem está vinculado. Das mulheres, portanto, é esperado um comportamento recatado e submisso perante a autoridade masculina; a honra feminina é acatar os ditames da *vergonha*. Os valores da honra e da vergonha são distribuídos assimetricamente entre os gêneros, demonstrando a interrelação das identidades sociais de homem e mulher, perfil que melhor se exprime no quadro dramático das relações de namoro e de casamento.

O prestígio de um rapaz/ homem, consubstanciado na noção de honra, é sede e núcleo de sua identidade masculina, e se mostra freqüentemente ameaçável pela possível conduta moral de sua atual ou virtual parentela feminina. As namoradas são, então, classificadas entre "moça" e "aquela que dá mole" pelo potencial de não ameaça à própria identidade. É dentro desse contexto que se podem entender as afirmações de Alex sobre o "bater" por parte dos

homens e o "fazer merda" por parte das mulheres<sup>17</sup>, e, também, a generalização de que "aquí só tem mulher foguenta".

Do ponto de vista das adolescentes, tal como expresso na fala de Danielle, o limite entre as concessões necessárias para namorar e a manutenção do próprio respeito aparece como nebuloso e problemático. As meninas entrevistadas discorriam com detalhes sobre a fronteira aceitável da permissão de favores (sexuais) aos rapazes. Esta não pode ser muito rígida: "se não ele vai se rir de mim, não vai querer namorar comigo" e ao mesmo tempo deve preservar uma margem de segurança - "que ele me assuma". As narrativas das garotas sobre seus namorados oscilam, portanto, entre o medo de perdê-los por excesso de recusa e o cálculo do grau de risco em que incorrem ao cederem demais ("fazer bobagem"; Cf. Duarte, 1984). Fica patente que o valor atribuído à preservação feminina, cujo ápice está na virgindade, é temperado pela avaliação de suas possibilidades no mercado de namoro e do casamento.

## 5. A ESCOLA

Através da análise do conjunto de 68 entrevistas realizadas com crianças e jovens emerge um quadro, que vem confirmar os resultados das pesquisas realizadas na área de educação: a permanência das meninas no sistema de educação é expressivamente maior do que a dos meninos (cf. Aguiar, 1993); a importância da pré-escola como meio de socialização com o universo do estudo, representado primeiro pela facilidade de alfabetização; o alto índice de repetência escolar e de evasão; o crescimento da oferta de ensino em comparação à geração dos pais. Dessa reduzida amostra, pode-se salientar que apenas 10 informantes não conhecem, em sua trajetória escolar, o episódio da reprovação, e as meninas respondem pelo percentual de 70% nesse universo. Todos incluídos nessa categoria tiveram acesso à pré-escola, cujo total geral é de 28. Contudo, deve-se ter em perspectiva que a faixa etária compreendida é extensa e, portanto, não está de todo descartada a possibilidade da reprovação no decorrer da carreira de estudos. Ao se considerar a faixa dos 15 a menos de 18 anos, encontra-se apenas um indivíduo com o desempenho regular das séries. A participação do abandono temporário ou da evasão - esta considerada como a disposição de não retorno à escola na opinião do(a) entrevistado(a) - chega a 16 casos. Nesse tópico se estampa particularmente o contraste entre as duas comunidades. O Chapéu apresenta entre as trajetórias escolares de suas crianças e jovens o número de 6 casos (4 do sexo masculino e 2 do feminino) enquanto que em Nova Holanda o total chega a dez, distribuídos entre 4

---

<sup>17</sup> Nos marcos da cultura mediterrânea, as relações entre homens implicam um constante teste da capacidade de controle e simultaneamente de transgressão da honra (alheia). Tal configuração cultural promove um sistema de relações em torno da afirmação da virilidade com alto grau de tensão e disrupção com a emergência nada ocasional da violência (cf. Aragão, 1983, e Heilborn, 1991).

meninas/moças e 6 meninos e rapazes, o que representa praticamente um terço dos exemplos em análise. Os casos de abandono definitivo são muito mais acentuados em Nova Holanda. Convém salientar que estamos considerando para essa sumária classificação apenas os entrevistados formalmente. Esse perfil se agrava quando se consideram irmãos e irmãs não arrolados diretamente na pesquisa realizada.

É reveladora a pressão das condições materiais e simbólicas de existência para que os meninos realizem serviços geradores de renda, como o de Reinaldo que faz carreto várias horas por dia, e passa a considerar a possibilidade de "parar por um tempo na escola, e depois voltar a estudar"; sabe, no entanto, que seus pais resistem a tal idéia. Considere-se o caso de Vitor (9 anos). Suas irmãs gêmeas de 19 anos abandonaram a escola na quinta série depois de diversas repetências (ambas). Uma trabalha como balconista, ganhando um salário mínimo, a outra numa empresa de faxina, estando lotada no aeroporto. Ele também não estuda no momento, saiu na 2ª série depois de a repetir. Estudava no "Brizolão", o CIEP local. Reclama da violência na escola onde os mais velhos batem nos mais jovens. Como não fez pré-escola, para retomar os estudos será necessário recorrer a uma "explicadora", solução que várias famílias têm procurado para enfrentar as deficiências do ensino e da aprendizagem dos seus filhos. Vitor entende que foi reprovado "porque matava muita aula". A mãe trabalhando fora, não existia quase autoridade para obrigá-lo a ir ao colégio (cf. Zylbertajn et al., 1985:88), embora sua irmã o "entregasse". Quando parou de estudar, segundo ele, a mãe gritava e perguntava como iria arranjar trabalho sem diploma, e o pai vaticinava - "esse vai virar ladrão!".

Em Nova Holanda, onde grande parte dos entrevistados na faixa a partir dos 14 anos já deixou a escola, o abandono é explicado "pelo ter que ir trabalhar, se arranjar na vida" e não há interesse em ingressar no curso noturno. Em contrapartida, no Chapéu os dizeres veiculados em situações semelhantes dão conta de que "fulano não quer nada mesmo com o estudo". Transparece no contraste entre as redes sociais investigadas as injunções sociais que cercam a educação nas classes sociais desprivilegiadas.

Desponta com muita nitidez a representação do "estudo" como a forma valorizada e de algum modo viável de ascensão social. Como diz Marcelle: "Tem que estudar para não trabalhar em casa da madame"<sup>18</sup>. Contudo, se a educação é reconhecida pelas oportunidades (relativas) de aumentar as possibilidades no mercado de trabalho, tal percepção não colide com o caráter não problemático da interrupção da frequência à escola, sobretudo quando a

---

<sup>18</sup> "Madame" adquire nas falas das meninas um tom pejorativo de alguém de outra classe social e que "não sabe fazer nada". Diz Dayana, cuja mãe trabalha como doméstica: "eu não quero ficar cuidando de roupa de madame". A família de Dayana é ilustrativa dos arranjos que podem dar origem ao trabalho infantil. O pai é porteiro em um prédio próximo à favela. Dennis, seu irmão de 11 anos aprende o ofício do pai, ficando na portaria do edifício quando este sai ou ainda ajudando a lavar os carros dos moradores. O casal possui uma barraca de venda de balas na rua principal do Leme. Tanto Dayana como Dennis passam lá algumas horas por dia tomando conta da barraca.

reprovação já se fez presente. O quadro da desigualdade social está assim montado. Com a ocorrência da interrupção do estudo, associada às altas taxas de repetência verificadas entre os entrevistados, o tempo de frequência à escola para os setores populares se prolonga muito mais do que nos grupos sociais mais favorecidos. Dentro deste quadro, chegar ao segundo grau encarna um sucesso (relativo) das crianças e jovens. Esses são os que "têm cabeça", expressão que denota inteligência e responsabilidade, o que não contradiz com o fato da trajetória escolar possa estar provida de reprovações.

O tempo mais usualmente reconhecido pelas crianças quando avaliam o seu próprio cotidiano é aquele preenchido pela atividade escolar. Elas sabem com clareza o tempo despendido na escola - 4 horas - e particularmente o tempo de recreio, que consideram, via de regra, pequeno. A queixa comum no Chapéu é da escola não ter "diversão", embora as narrativas sobre o esporte preferido - queimado - no recreio envolvam as meninas em discussões detalhadas. A mensuração do tempo utilizado para fazer deveres escolares é também precária. As afirmativas giram entre 10 minutos e 2 horas. Ressalta-se, entretanto, que as crianças não dão muito destaque à carga de dever solicitada pelas professoras. As crianças menores, quando reclamam da escola, fazem-no sob a perspectiva de que a merenda não é boa ou que o tempo de recreio é pouco. Raras são as referências por parte do universo infantil relativas à qualidade do ensino ministrado. Já os mais velhos enunciam avaliações sobre o "abandono" da escola e da educação em geral e criticam "o governo que só quer construir", mas não manter a escola. Diz Charles: "De que adianta a propaganda toda, se tem esse nome de "recurso pedagógico", tou falando do videocassete, e não passa filme nenhum". A análise empreendida por Madeira (neste volume) vem ao encontro da constatação de que as crianças e adolescentes das classes trabalhadoras urbanas se ressentem do formato com que a escola lhe é apresentada.

Nas entrevistas com professores que estão lotados na escola pública do Leme, que serve ao Chapéu, descortina-se o modo como a educação diferenciada é uma prática cotidiana. Perguntadas sobre comportamento entre meninos e meninas, as mestras desenvolvem um discurso recheado de alusões à "naturalidade" dos papéis de gênero. É nessa ótica que avaliam positivamente o desempenho das meninas na escola; são menos "bagunceiras", menos dispersas, menos desleixadas que os meninos. Um dos temas geradores de grande interesse entre as crianças menores era a pergunta sobre desempenho escolar comparando-se os sexos. William, irmão da Silvia, que tem 10 anos, descreve seu cotidiano na escola:

"Brinco de pique na escola. Elas não sabem brincar; não brincam com a gente porque diz que a gente é bruto. As meninas são burra e erram o dever todo... fazem mais dever de casa que os meninos, de casa elas trazem tudo direito de casa porque pedem ajuda em casa; a mãe ajuda. {No contexto dessa fala está presente a implicância com a irmã}, que rapidamente retruca: "Os meninos são molenga, eles não fazem nunca o dever".

## 6. O TRABALHO

Já foram adiantadas algumas considerações sobre o valor envolvido na dimensão trabalho para crianças e adolescentes quando mencionados no contexto de *obrigação* para com a *casa*. Os dois domínios encarnam complementarmente os signos de masculino e de feminino. Os meninos por terem seu papel de gênero definido por uma maior exterioridade relativamente ao feminino, se encontram mais livres de responsabilidade com o serviço doméstico, reduzindo-se sua participação a ocasiões eventuais (de obras) ou a incumbências bastante delimitadas. Em razão dessa mesma configuração simbólica, são impelidos desde cedo a buscar expedientes para ganhar algum dinheiro. Isso é particularmente claro em Nova Holanda, onde as crianças falam muito e com desenvoltura do "ganhar a vida".

Reinaldo, por exemplo, de 11 anos faz carreto na feira no sábado. Começa a atividade às 7:00 horas e vai até as 16.00 horas nessa função, a alimentação ficando a cargo de doações por parte dos feirantes - "Eu descolo uma coisa aqui, outra ali". Iniciou-se na tarefa aos nove anos de idade. Essa atividade é a complementação do "sair para engraxar" que realiza três a quatro vezes por semana. A pequena renda auferida nesses expedientes é, em parte, dada à mãe, em parte guardada para a compra de um bem de consumo extremamente valorizado entre a população infanto-juvenil: o par de tênis. No exemplo de Reinaldo explicitam-se algumas das diretrizes que organizam a socialização das crianças de gênero masculino com a atividade emblemática de sua condição, considerada aqui a imbricação gênero e classe social. O dinheiro é entregue à mãe, que cumpre o papel principal na direção do consumo doméstico nas camadas populares (Zaluar, 1982). Parte do dinheiro arrecadado é representado pelos meninos como para uso pessoal; contudo, ele dá origem a uma espécie de redistribuição dos recursos internos ao grupo doméstico. Os bens de vestuário a serem adquiridos pelos pais, particularmente as roupas "de marca" que sideram os jovens, podem ser orientados para as meninas que não têm acesso ao dinheiro próprio. E, finalmente, o exemplo estampa a expectativa socialmente engendrada de que desde cedo o interesse pelo "trabalho" apareça como um atributo dos filhos. A "disposição" para "pegar no batente", por um lado, testemunha a possibilidade de uma possível melhora de vida e, por outro, o afastamento da desdita da criminalidade, que ronda como um fantasma as famílias de classes trabalhadoras. Já foi salientado no item relativo às relações com a comunidade de que modo esse "outro" perverso representado pelo "bandido" é uma presença vizinha e constante nos bairros considerados. Há trajetos nessas localidades que se devem evitar, porque são o ponto do tráfico; e o aliciamento é uma possibilidade freqüente, sobretudo pela ostentação de riqueza dos "vagabundos". Assim,

a entrada mais ou menos delineada de um garoto ou rapaz no mundo do 'trabalho' representa um signo positivo para as famílias.

As trajetórias que apresentam algum tipo de desequilíbrio para o grupo doméstico, como aquele representado pela perda de um dos seus membros, seja por morte ou abandono, exibem sinais mais dramáticos da necessidade do trabalho infantil. Há ainda nesses casos a atração muito nítida exercida por novas alternativas de ganho representadas pelas formas de criminalidade.

A expectativa desde muito cedo que se coloca para esses rapazes, e que aparece de modo agudo em Nova Holanda, é a obtenção de um trabalho com carteira assinada. O mercado formal de trabalho não apenas representa, na percepção do jovens, a segurança das garantias da seguridade social e dos direitos trabalhistas, mas é, antes de tudo, afirmado como um passaporte de cidadania relativa. Como diz Alex:

"porque quando a polícia vem em cima, posso mostrar o documento. Tem muito PM abusado. E não é só aqui não, em Nova Holanda; é em todo lugar. Carteira é mais garantia".

O exame das estratégias utilizadas para a obtenção do trabalho aponta para o modo como a rede de parentesco, de compadrio e vizinhança é central no universo considerado. São essas relações que possibilitam a aproximação do jovem com o mercado de trabalho, e não é nada raro encontrar famílias empregadas na mesma firma. Diversas análises têm demonstrado tal perfil (Spindel, 1986). Em Nova Holanda, encontram-se casos de vários membros de um grupo doméstico empregados em firmas de limpeza que servem o campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Fundão - o aeroporto e empresas de transportes, todos localizados numa relativa proximidade da favela. Vale salientar que não apenas a família serve de ponte para o trabalho, como este se torna mais um dos campos em que a preponderância da dimensão coletiva da existência é afirmada. Torna-se patente de que modo é o grupo e não o indivíduo o ponto focal da orientação simbólica que preside a seleção das estratégias de vida nos grupos populares urbanos.

O trabalho para as adolescentes também aparece como meio de ter dinheiro, mas se reveste de um atributo suplementar - meio de fuga da monotomia doméstica e do controle familiar. Shirley, cursando o 2o grau, diz que para conseguir o consentimento dos pais para estudar na escola noturna foi "uma luta". O argumento utilizado foi a necessidade de trabalhar para ajudar em casa com as despesas, mas ela mesma reconhece que a grande motivação para ambos os projetos é escapar da "marcação" dos pais e irmãos. Ela ainda não "arrumou trabalho", mas uma parte da conquista já foi realizada.

A casa é assim potencialmente representada como "prisão", e o trabalho extra-doméstico adquire um conteúdo de possibilidade de autonomia pela fuga (relativa) do controle. Contudo, a alternativa do serviço doméstico é a princípio rejeitada, embora muitas vezes seja,

afinal, a única saída. Madeira (1994, neste volume) desenvolve argumentos muito próximos dos aqui sustentados: primeiro, as moças resistem à possibilidade de serem empregadas domésticas, sendo o arranjo de permanência na escola conveniente para a mãe; ela aceita-o com base na avaliação de ser no futuro mais vantajoso em termos da remuneração a ser obtida e no fato de a filha adolescente poder permanecer ocupando sua posição na casa; segundo, entretanto, apesar do aumento do capital educacional (Bourdieu:1974) tal fato, em geral, não acarreta melhora significativa no seu futuro profissional.

Em Nova Holanda, nossos contatos de pesquisa nos levaram a um pequeno grupo de adolescentes empregadas em pequenas indústrias de costura. Nesse caso, a trajetória compartilhada das meninas assinala a condição de auxiliares de costura, com carteira assinada, a partir dos 15 anos de idade. Entre elas, encontramos Rosa, então de licença maternidade.

## 7. CURTAS HISTÓRIAS DE VIDA - GÊNERO, IDADE E CLASSE SOCIAL

Na situação da entrevista Rosa, de menos de 18 anos, estava amamentando o filho de 21 dias. Mãe solteira. Namorava um rapaz de 19 anos e quando foi avisá-lo da gravidez, ele alegou que não sabia se o filho era dele, argumentando que ela andava com vários.

"Ele só disse isso porque eu tenho muita amizade com homem, e isso pega mal, da gente ficar em grupos conversando com rapazes e moças". Foram os colegas que puseram *pilha* na cabeça dele, que o filho não era dele".

Ela pensou em fazer um aborto. Da sua curta história de vida consta a separação dos pais na ocasião do seu nascimento, tendo sido entregue aos avós maternos do pai para ser cuidada. Com eles viveu bem, mas o bisavô morreu em 1989 e sua esposa, a quem ela chamava de mãe, morreu quando ela tinha dez anos. Os pais constituíram novos grupos domésticos, contudo ela não tem relações próximas com os irmãos. O pai ainda a vê com alguma frequência, mas da mãe verdadeira reclama o abandono. Com a morte da bisavó, passa a fazer todo o trabalho da casa sozinha, acordando por volta das 6.00 horas e parando às 11.00 horas quando se arrumava para ir para a escola. Ao retornar no final da tarde, fazia o jantar para o avô. Segundo sua avaliação, o número de horas despendidas nas atividades domésticas era de 7 horas por dia. O avô era "crente", controlava muito suas saídas e exigia dela que estivesse em casa às 9 horas da noite. Quando ele faleceu, ela estava com 14 anos. A casa onde morava foi herdada por um primo e com ele ela se desentendeu, passando a morar na casa de amigas. Datam daí, a desistência da escola e o seu primeiro emprego como auxiliar de costura numa fábrica. Rosa chega, então, à 'maioridade' na vida.

"Pagavam menos que o salário, mas eu saí de lá não foi por dinheiro. Era o patrão que queria abusar de mim".

A história de vida de Rosa não é especialmente singular. Outras colegas da mesma rede social estão ou estiveram grávidas aos 15, 16 anos. Em suas narrativas há pontos recorrentes. As narrativas sempre assinalam a hesitação em "tomar remédio" para evitar filhos. Eles fazem mal ou elas não sabem como devem ser administrados. O início das relações sexuais ocorre ao acaso, para não perderem os namorados. A estratégia dos rapazes é de negarem a paternidade porque a moça "anda com outro". Os dramas se desenrolam a partir do nascimento dos bebês: a oscilação por parte dos implicados entre admitir a paternidade indo morar com a moça e adiar o reconhecimento do filho como forma de assumir um compromisso mais perene com a manutenção dos dois. Nessas situações fica demonstrado de que modo as famílias são decisivas para o estabelecimento do novo par de maneira estável. São elas que dispõem de recursos para permitir a união, uma vez que, em função da pouca idade e da colocação precária do jovem no mercado, solitariamente ele não pode adotar tal decisão. São as famílias que podem prover, por exemplo, a moradia, em geral, abrigando por um período o casal e oferecendo parte do próprio terreno ou imóvel para a construção da casa. Torna-se patente, nessas trajetórias, a lógica de gênero, idade e classe social tem costura a existência desses sujeitos sociais.

Se, de um certo ponto de vista, aquele impregnado com ideais igualitários, a lógica do gênero parece limitar as oportunidades das meninas e adolescentes quanto à esfera do trabalho e às possibilidades de escolha, de outro lado, a experiência social da masculinidade coloca meninos e rapazes diante de constrangimentos não menos graves, particularmente aqueles que dizem respeito ao papel de provedor numa sociedade em crise econômica acentuada e com grandes taxas de desemprego. O reconhecimento de que o tempo é desigualmente marcado numa sociedade de classes revela que a infância e a adolescência são pensadas e vividas de modo distinto. Ao considerarmos os ditames simbólicos e materiais que conformam a experiência das classes trabalhadoras urbanas, as crianças e jovens apresentam uma inserção na família que faz delas, desde cedo, seres responsáveis pelo destino de todos.

## BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Neuma. Usando o tempo para engendrar o público e o privado. Paper GT relações sociais de gênero, XVI Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, Minas Gerais 20 a 23 de outubro de 1992. 32pp.
- ALVES, Alda Judith. Meninos de Rua e Meninos na Rua: estrutura e dinâmica familiar In: FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Ruben (org.). *O trabalho e a rua - crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo, Cortez, 1991 [117-132].
- ALVIM, Rosilene e LEITE LOPES, José Sergio. Famílias operárias, famílias de operárias. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais* n° 14 ano 5, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, outubro 1990 [7-17].
- ALVIM, Rosilene e VALLADARES, Lícia. Infância e sociedade no Brasil: uma análise da literatura In: *Boletim Informativo Bibliográfico em Ciências Sociais*, n° 26, Rio de Janeiro, 1990 [3-37].
- ARAGÃO, Luis T. Em nome da mãe In: FRANCHETTO, Bruna et al. (eds.) *Perspectivas Antropológicas da Mulher n° 3*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983. [109-145].
- ARIÈS, Philippe. L' évolution des rôles parentaux In: \_\_\_\_\_ *Familles d' Aujourd'hui*. Bruxelas, Éditions de l' Institut de Sociologie, 1968 [35-55].  
\_\_\_\_\_. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas. *A Construção Social da Realidade - Trabalho de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- BOTT, Elizabeth. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. Condição de classe e posição de classe In: AGUIAR, Neuma (org.) *Hierarquia em Classes*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974b.

\_\_\_\_\_. *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*. Paris, Les Éditions du Minuit, 1979.

CALDEIRA, Teresa. *A Política dos Outros*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CASTRO, Mary Garcia. A dinâmica entre classe e gênero na América latina: apontamentos para uma teoria regional sobre gênero In: *IBAM Mulher e Políticas Públicas*. Rio de Janeiro, IBAM/UNICEF, 1991 [39-70].

CERVINI, Rubem e BURGER, Freda. O menino trabalhador no Brasil urbano dos anos 80 In: FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Ruben (org.). *O trabalho e a rua - crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo, Cortez, 1991 [17-46].

CLIFFORD, James. On ethnographic authority In: *The Predictament of culture -twentieth century ethnography, literature and art*. Cambridge, Havard University Press, 1988 [21-54].

COLLIER, Jane e ROSALDO, Michelle. Politics and Gender in simple societies" In: ORTNER, Sherry and WHITEHEAD, Harriet (eds.) *Sexual Meanings: the cultural construction of gender and sexuality*. Cambridge, Cambridge University Press, 1981 [276-329].

COSTA, Albertina et al.. Pesquisa sobre mulher no Brasil. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas* n° 54. São Paulo, 1986.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *A Casa e a Rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

DAUSTER, Tania. Uma infância de curta duração: trabalho e escola. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas* n° 82. São Paulo, 1992.

DOMINGES, Mauro Petersen. O avesso do Brasil Moderno: levantamento das estatísticas oficiais referentes a mulheres de 0 a 17 anos (1980-1990). *Revista do CEAP As meninas e a rua* - n° 3, março de 1993 [27-31].

DONZÉLOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*, Rio de Janeiro, Graal, 1980.

DUARTE, Luis Fernando . Muita vergonha, pouca vergonha: sexo e moralidade entre classes trabalhadoras urbanas . São Paulo, apresentado no 4º Encontro nacional da ABEP, Águas de São Pedro, mimeo, 1984.

\_\_\_\_\_. *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor/CNPq, 1986a.

\_\_\_\_\_. Classificação e valor na reflexão sobre identidade social In: CARDOSO, Ruth (org.) *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986b [69-92].

DUARTE, Luiz Fernando et al. Vicissitudes e limites da conversão à cidadania das classes populares brasileiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 1993.

DUMONT, Louis. The individual as an impediment to sociological comparison and Indian history In: \_\_\_\_\_ *Religion, politics and history in India*. Paris. Mouton. 1970 [133-150].

\_\_\_\_\_. Postface pour l' édition Tel: Vers un théorie de la hiérarchie In: *Homo Hierarchicus*. Paris, Gallimard.1979.

DURHAM, Eunice. Família e reprodução humana In: \_\_\_\_\_ FRANCHETTO et alli *Perspectivas Antropológicas da Mulher n° 3*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

DUQUE-ARRÁZOLA, Laura. O gênero na vida cotidiana das meninas de rua de Recife paper. Recife, abril de 1993. 33pp.

FERNANDES, Rubem Cesar. O Governo das almas - as denominações evangélicas no Grande Rio. Trabalho apresentado no Seminário Autoritarismo social x democratização do Estado. Instituto de Estudos Avançados da USP. São Paulo, fevereiro, 1993 35pp.

FONSECA, Claudia. Socialização de crianças em um grupo de baixa renda. Trabalho apresentado no VI Encontro Anual da Anpocs, Nova Friburgo, Rio de Janeiro 1983.

\_\_\_\_\_. A circulação de crianças. *Ciência Hoje*, v. 11 n° 66, Rio de Janeiro, 1987 [33-38].

FOUCAULT, Michel. A Política de Saúde do século XVIII In: \_\_\_\_\_ *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1990 [193-207].

FRANCHETTO, CAVALCANTI & HEILBORN. Antropologia e feminismo In: \_\_\_\_\_. *Perspectivas Antropológicas da Mulher n° 1*. Rio de Janeiro, Zahar.1981.

- HEILBORN, Maria Luiza. Conversa de portão: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ. 1984.
- \_\_\_\_\_. Do gênero: antropologicamente... In: De Folhetins n° 3. Rio de Janeiro, CIEC/UFRJ, 1990 [1-39].
- \_\_\_\_\_. Gênero e condição feminina: uma abordagem antropológica In: IBAM Mulher e Políticas Públicas. Rio de Janeiro, IBAM/UNICEF, 1991 [23-38].
- \_\_\_\_\_. Fazendo gênero?: a antropologia da mulher no Brasil In: COSTA, A. E BRUSCHINI, M.C. (org.) Uma Questão de Gênero. São Paulo, Fundação Carlos Chagas e Editora Rosa dos Ventos, 1992 [93-128].
- \_\_\_\_\_. Gênero e Hierarquia: a costela de Adão revisitada. Estudos Feministas volume 1, número 1 CIEC/ECO/UFRJ. 1993 [50-82].
- LANGEVIN, Annette . Rapports aux temps sociaux et division sexuée In: *Cahiers du Gedisst, Iresco*, CNRS, Paris, n° 3, S/D [41-48].
- \_\_\_\_\_. Rythmes Sociaux et reinterpretation individuelle dans le parcours de vie In: *Les Annales de Vaucresson* n° 26 ,1987.
- MACEDO, Carmem Cinira. *A reprodução da desigualdade: o projeto de vida familiar em um grupo de operários*. São Paulo, Vértice, 1985.
- MACHADO NETO, Zahidé. As meninas: sobre trabalho da criança e do adolescente na família proletária. *Ciência e Cultura*, Rio de Janeiro, v. 32, n° 6, 1980 [671-683].
- MACHADO Da SILVA, Luis Antonio. O significado do botequim. *América Latina* ano 12. n° 3 , Rio de Janeiro, Centro Latino Americano de Pesquisa em Ciências Sociais, 1969 [160-181].
- MADEIRA, Felícia. Los jóvenes en el Brazil: antiguos supuestos, nuevos detoneros. *Revista de la CEPAL*. Santiago do Chile, no29, 1986 [57-81].
- MATHIEU, Nicole-Claude. Identité sexuelle/ sexuée/ de sexe? trois modes de conceptualisation du rapport entre genre et sexe In: \_\_\_\_\_ *L' Anatomie Politique - Catégorisations et Idéologies du Sexe*. Paris, Côté-Femmes Éditions, 1991 [227-266].
- PERISTIANY, John G. *Honra e Vergonha - Valores das Sociedades Mediterrâneas*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.1971.

- ORTNER, Sherry e WHITEHEAD, Harriet. Introduction: accounting for sexual meanings In: *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge, Cambridge University Press, 1981 [1-27].
- PITT-RIVERS, Julian. *The Fate of Scheschem or the Politics of Sex*. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.
- QUINTEIRO, Maria da Conceição. Casados não casados: uniões consensuais nas camadas médias e populares In: *Textos NEPO* n° 19. Campinas, UNICAMP, 1990.
- RIZZINI, Irene. Infância, adolescência e pobreza na década de 80: a situação da menina. Rio de Janeiro, mimeo, s/d.
- RIZZINI, Irene e RIZZINI, Irma. Menores institucionalizados e meninos de rua: os grandes temas de pesquisa na década de 80 In: FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Ruben (org.) *O trabalho e a rua - crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo, Cortez, 1991 [133-150].
- ROBERGE, Andrée. Les rapports femmes-hommes: une expression particuliere d' une économie sexuée. *Anthropologie et sociétés*, v. 11, n° 1, Québec, 1987 [71-93].
- RODRIGUES, Arakcy Martins. *Operário, Operária: estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo*. São Paulo, Edições Símbolo, 1978.
- ROPA, Daniela & DUARTE, Luis Fernando. Considerações Teóricas sobre a questão do 'atendimento psicológico' às classes trabalhadoras In: FIGUEIRA, Sérvulo (org.) *Cultura e Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1985 [178-201].
- ROPA, Daniela et al. Família e criança num grupo de classe trabalhadora - um estudo sobre a diferença e a legitimidade da cultura. Departamento de Psicologia da PUC, agosto, 1983. 10pp.
- ROSALDO, Michelle. Women, culture and society: a theoretical overview in ROSALDO, Michelle and LAMPHERE, Louise (eds.) *Women Culture and Society*. Stanford, Stanford University Press, 1976 [17-42].

- RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the 'political economy of sex' In: RAPP, Rayna (ed) *Towards an Anthropology of Women*. Nova Iorque, Monthly Review Books, 1975 [157-210].
- SALEM, Tania. Mulheres Faveladas: com a venda nos olhos In: FRANCHETTO et al. *Perspectivas Antropológicas da Mulher n° 1*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- SANTOS, Carlos Nelson. Velhas novidades nos modos de urbanização brasileiros In: VALLADARES, Licia (org.) *A habitação em questão*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- SARTI, Cynthia. Reciprocidade e hierarquia: relações de gênero na periferia de São Paulo In: *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas n° 27* São Paulo, agosto 1989 [38-46].
- SCOTT, R. Perry. O homem na matrifocalidade: Gênero, percepção e experiências do domínio doméstico In: *Cadernos de Pesquisa n° 73*. Fundação Carlos Chagas. São Paulo, maio, 1990.
- SPINDEL, Cheywa. *Espaços de socialização e exploração do menor assalariado: família, escola e empresa*. São Paulo, IDESP, Monografia n° 2, 1986, 254pp.
- STOLCKE, Verena. Los trabajos de las mujeres In: LEÓN, Madalena (org.) *Sociedad, Subordinación y Feminismo*. Bogotá, Asociación Colombiana para el Estudio de la Población, 1982 [11-31].
- TABET, Paola. Fertilité naturelle, reproduction forcée In: MATHIEU, N. (ed.) *L'Arraînement des Femmes - Essais en Anthropologie des Sexes*. Paris, Editions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1985.
- VALLADARES, Lícia. Growing up in the favela . trabalho apresentado no XI World Congress of Sociology. Comitê de pesquisa n° 38, Biography and society, sessão 8 - Children's lives in the third world, Nova Delhi, agosto de 1986 30pp.
- \_\_\_\_\_. Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil In: BOSCHI, Renato, *Corporativismo e Desigualdade - a construção do espaço público no Brasil*, Rio de Janeiro, IUPERJ e Rio Fundo Editora, 1991.

- VIANNA, Hermano. *O mundo Funk carioca*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- VELHO, Gilberto e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O conceito de cultura nas sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. *Artefato n° 1*, 1978.
- VOGEL, Arno e MELLO, Marco Antonio da Silva. Da casa à rua: a cidade como fascínio e descaminho In: FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Ruben (org.) *O trabalho e a rua - crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo, Cortez, 1991 [133-150].
- WHITEHEAD, Harriet. The bow and the burden strap: a new look at institutionalized homosexuality in Native North America In: ORTNER, S. e WHITEHEAD, H. \_\_\_\_\_ (eds.) *Sexual Meanings: the cultural construction of gender and sexuality*. Cambridge, Cambridge University Press [80-115].
- WOORTMAN, Klaas. Casa e Família Operária. *Anuário Antropológico 80*. Fortaleza/Rio de Janeiro, Universidade Federal do Ceará e Tempo Brasileiro 1982 [119-150].  
\_\_\_\_\_. A comida, a família e a construção do gênero feminino. trabalho apresentado no 7º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Águas de São Pedro. 1983 mimeo.
- ZALUAR, Alba. As mulheres e a direção do consumo doméstico: estudo de papéis familiares nas classes populares urbanas In: *Colcha de Retalhos*. São Paulo, Brasiliense, 1982.  
\_\_\_\_\_. Condomínio do diabo: as classes populares urbanas e a lógica do ferro e do fumo In: PINHEIRO, Paulo Sergio (org.) *Crime, violência e poder*, São Paulo, Brasiliense, 1983.  
\_\_\_\_\_. *A máquina e a revolta*. São Paulo, Brasiliense, 1985.  
\_\_\_\_\_. Teleguiados e chefes: juventude e crime. *Religião e sociedade* v. 15 n° 1. Rio de Janeiro, 1990 [54-67].  
\_\_\_\_\_. Mulher de bandido: crônica de uma cidade menos musical. *Revista Estudos Feministas* v. 1, n° 1 CIEC/ECO/UFRJ, 1993 [135-142].
- ZYLBERSTAJN, Helio et. al. *A mulher e o menor na força de trabalho*. São Paulo, Nobel/Ministério do Trabalho, 1985.

#### **Jornais:**

JORNAL DO BRASIL. Série de reportagens intitulada *A República do Pó*, 16/2/92 a 18/2/1992).

O CHAPÉU - Jornal da Comunidade do Chapeu Mangueira, nº 19 Edição Especial, sem data.

O POVO na rua - Jornal diário, Rio de Janeiro, ano III, nº 1104, 18 de março de 1993.

SE LIGA NO SINAL - Boletim bimestral do Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina, Ano 2, nº 10, março/ abril. Rio de Janeiro.

JORNAL DO BRASIL - Série de reportagens intitulada A República do Pó, 16/2/92 a 18/2/1992)